

AUMENTO DE 22,3%

INACOM autoriza subida de UTT para 8,8 kwanzas

TELECOMUNICAÇÕES. A unidade tarifária de telecomunicações (UTT) vai passar a custar acima de 22%, passando dos actuais 7,2 kwanzas para os 8,8 kwanzas, apurou o VALOR de fontes próximas das negociações que decorrem entre o Instituto Angolano das Comunicações (INACOM) e as operadoras de telefonia. A nova tarifa deve entrar em vigor a partir de Agosto e fica abaixo das expectativas das operadoras que pretendiam fixá-la nos 10 kwanzas por unidade. **Pág. 10**



OBRIGAÇÕES DO TESOURO

Governo paga dívida ao banco central

O Ministério das Finanças autorizou o Banco Nacional de Angola a emitir Obrigações de Tesouro no valor de 190 mil milhões de kwanzas para a regularização dos empréstimos do Governo junto do banco central. A informação consta de um decreto presidencial publicado no Diário da República, no final de Junho. **Pág. 16**



ACTIVIDADE PORTUÁRIA

Luanda concentra mais de 80 por cento

Lançados num vasto programa de reestruturação e modernização há alguns anos, os portos do país buscam várias formas de garantir a sustentabilidade, com Luanda a reclamar mais de 80% de toda a actividade. E para Abel Cosme, presidente da Associação dos Portos de Angola (APANG) não restam dúvidas de que "o futuro passa pelas concessões". **Págs. 4 a 9**

Fisco cobra operações

Todas as operações bancárias estão sujeitas, desde sexta-feira, a uma taxa de 0,1% a favor do Estado. Entre outros, o 'desconto' abrange os levantamentos e as transferências interbancárias, mas os depósitos de salários e levantamento de pensões ficam de fora. **Pág. 17**



DECISÃO DO CPM

Taxa BNA dispara para 16%

É a segunda alteração desde que Valter Filipe chegou ao BNA e a terceira desde o início do ano. A última mexida aconteceu em Março, quando o Comité de Política Monetária (CPM) do banco central decidiu elevar a taxa de referência dos 12 para os 14%. **Pág. 16**

Moedas AKZ USD 166,7 Kz (+0) ▲ EUR 184,6 Kz (-3,9) ▼ LIBRA 223,7 Kz (-17,2) ▼ YUAN 25,0 Kz (-0,3) ▼ RAND 11,0 Kz (-0,2) ▼

Descarregue a App

Visite o website: www.valoreconomico.co.ao



NOVAS REGRAS

O Banco Nacional de Angola (BNA) puniu sete bancos comerciais por incumprimentos de regras cambiais. A lista inclui alguns dos pesos pesados como o BAI e o Millennium Atlântico, mas também o Keve, o banco Sol, o Caixa Angola, o BCI e o Standard Bank. A informação foi tornada pública na semana passada, de forma oficial, e agitou o mercado, com reacções díspares. Não é difícil perceber o porquê. Não está em causa o valor das multas, até porque, a julgar pelas entidades punidas, os números são qualquer coisa de irrisório. Também não é o simples facto de ter havido sanções, porque, ao que consta, noutras circunstâncias e oportunidades, o banco central já exigiu multas por conta de infracções às regras estabelecidas. O facto novo é a aparente alteração do 'modus comunicandi' da autoridade que regula o sistema financeiro. Ao banco central nunca interessou trazer a público as infracções recorrentes dos operadores bancários, postura que muitas vezes contribuiu para a instalação da confusão generalizada. Basta lembrar a troca de acusações entre o BNA e os bancos que marcou o consulado de José Pedro de Moraes. Com a



crise de divisas instalada, Moraes acusou repetidas vezes os operadores de incumpridores e de má fé. As dificuldades no acesso aos cambiais, na versão do anterior governador, eram sobretudo da responsabilidade dos bancos. Eram os tais que bloqueavam os clientes e que os impediam de honrar compromissos com o exterior, incluindo de questões sensíveis como pagamentos de tratamento médico e propinas escolares. Os bancos, claro, contra-atacavam e diziam-se livres de qualquer responsabilidade, devolvendo a culpa ao regulador.

Estranhamente, mesmo com a autoridade supostamente desafiada pelos operadores, ninguém ouviu qualquer punição pública contra quem quer que fosse. Mesmo com a sua idoneidade e palavra postas em causa, o BNA não defendeu a sua honra de forma pública, provando que não era o regulador a faltar com a verdade.

E, se por hipótese, a verdade estivesse do lado do ex-governador, mais do que dos operadores, aos olhos da opinião pública, todos eram prevaricadores.

A nova atitude do BNA é positiva, particularmente, nesse sentido. Porque demonstra que há, de facto, vontade de se abandonarem as velhas práticas. Mais importante ainda, deixa o aviso claro de que o regulador pretende e vai usar a autoridade que lhe está reservada. É isso que nunca esteve claro para ninguém. Quem regula interesses e mercados tão decisivos como a banca tem a obrigação material e moral de garantir serenidade e equilíbrios, em especial em contextos de ansiedades generalizadas.

Neste caso concreto das sanções, houve até reclamações de alguns bancos. Ainda bem. Porque o mais importante aqui não é necessariamente a razão do BNA. É a reafirmação do espaço do regulador e a redefinição do papel do operador, com o reconhecimento mútuo de direitos e obrigações concretos. Outros reconheceram os erros, apressando-se, no entanto, a esclarecer a natureza das falhas. Melhor ainda. Porque contribuíram para enfatizar a mensagem de que não é apenas o regulador que está interessado na normalização do estado de coisas. Vamos ver o que vem a seguir.



FICHA TÉCNICA

Director-Geral:

Evaristo Mulaza

Directora-Geral-Adjunta:

Geralda Embaló

Editor Executivo:

António Nogueira

Editor gráfico e chefe de produção:

Pedro de Oliveira

Redacção:

António Miguel, Edno Pimentel, Isabel Dinis, José Zangui, Mateus da Graça Filho, Nelson Rodrigues e Valdimiro Dias

Secretária de Redacção:

Lúcia de Almeida

Fotografia:

Manuel Tomás, Mário Mujetes e Santos Samuessa

Paginação:

Francisco de Oliveira, João Vumbi e Edvandro Malungo

Colaboradores:

Cândido Mendes

Produção gráfica:

Notiforma SA

Propriedade e Distribuição:

GEM Angola Global Media, Lda

Tiragem: 4.000 N.º de Registo do MCS:

765/B/15

GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:

Geralda Embaló e Evaristo Mulaza

Departamento Administrativo:

Jessy Ferrão, Nelson Manuel e Valdimir de Almeida

Departamento comercial:

Arieth Lopes, Geovana Fernandes e Mariquinha Rego

Tel.:

+244941784790-(1)-(2)

N.º de Contribuinte:

5401180721; N.º de registo estatístico: 92/82 de 18/10/82

Tel.:

+244 936272323

Endereço:

Rua Fernão Mendes Pinto, n.º 35, Alvalade, Luanda/Angola, Telefones:

+244 222 320510, 222 320511

Fax: 222 320514

A semana

27

3 PERGUNTAS A...



Precioso Domingos
Economista

Quais razões na base da desvalorização do kwanza face às principais divisas?

Tem que ver com a não diversificação da estrutura das exportações de Angola. O país não soube utilizar os mais de 500 mil milhões de dólares provenientes das receitas fiscais petrolíferas entre 2002 e 2015 para reduzir o peso do petróleo nas exportações e dessa forma diversificar as fontes de divisas. Uma segunda situação está relacionada com a queda do preço do petróleo bruto que, em si, induz a uma desvalorização da moeda doméstica.

Quem deve ditar a taxa de câmbio no mercado?

O BNA não tem divisas para sustentar o regime de câmbio administrativo. A política cambial seria mais compaginável aos pressupostos de economia de mercado se o regime cambial fosse, pelo menos, misto. A desvalorização do câmbio oficial é necessária apesar de ser sensível do ponto de vista social e político.

Que medidas o país pode adotar para minimizar a especulação do dólar no mercado paralelo?

O BNA deve permitir que o câmbio oficial se aproxime da taxa de câmbio do mercado. Isto implica desvalorizar o kwanza, uma vez que o câmbio do paralelo já funciona de acordo com as regras do mercado. Haverá praticamente uma convergência entre os dois câmbios.

TERÇA-FEIRA

O Banco Nacional de Angola (BNA) sancionou, em Luanda, os bancos Angolano de Investimentos (BAI), Millennium Atlântico (BMA), Comércio e Indústria (BCI), Caixa Geral de Angola, Keve, Sol e Standard Bank Angola, por incumprimento das regras cambiais.

QUARTA-FEIRA

A direcção da Feira Internacional de Luanda (FILDA) adiou o certame para Novembro devido ao "actual estado da economia do país", lê-se numa comunicação enviada aos expositores. A exposição estava prevista para 19 e 24 de Julho.

QUINTA-FEIRA

O Banco Millennium Atlântico informou que foi sancionado pelo BNA, devido ao atraso de dois dias no envio dos mapas de operações executadas relativos aos leilões nº 19 e nº 20, ocorrido em Maio de 2016. O banco foi alvo de duas multas no valor de 138,8 milhões de kzs cada.



SEGUNDA-FEIRA

Foi nomeado o conselho de administração do Instituto Regulador dos Serviços de Electricidade e Água (IRSEA). O novo órgão tem a tarefa de regular a produção, transporte, distribuição, comercialização e utilização de energia eléctrica no sistema eléctrico público.

SEXTA-FEIRA

Entrou em vigor o regime jurídico da contribuição especial, criado pelo decreto presidencial nº1/16, de 24 de Fevereiro, que autoriza os bancos a transferir uma taxa de 0,1% sobre o valor de diversas operações bancárias realizadas por clientes para o Tesouro.



SÁBADO

A direcção da Empresa Nacional de Distribuição de Energia (ENDE), no Lubango (Huíla), informou que pelo menos 450 novos clientes firmaram contrato com a empresa, entre Abril e Junho.



DOMINGO

Benguela acolheu a primeira edição do fórum municipal agro-pecuário, que decorreu em Bolonguera, no Chongoroi, numa promoção da administração municipal local, visando mostrar as potencialidades económicas da região.



COTAÇÕES



ALÍVIO NO FINAL DAS SESSÕES

O verde, indicador do positivismo dos investidores, foi a tônica dos mercados mundiais à hora do fecho da última sessão. Depois de uma semana de altos e baixos no rescaldo do resultado do referendo inglês que ditou a saída do Reino Unido e levou a perdas de mais de três mil milhões de dólares nos dois dias seguintes. Surgiram sinais de recuperação tímidos, sendo o FTSE100 inglês líder dos ganhos, apesar das incertezas quanto à economia britânica apoiado na recuperação da libra.



OURO E DÍVIDA ALEMÃ FORAM OS REFÚGIOS

Nos mercados cambiais, a recuperação da libra do nível mais baixo desde 1985, só foi possível depois das injeções do banco central inglês. Os mercados de dívida viram a alemã a servir de refúgio da desvalorização geral e o índice que acompanha a banca europeia registou perdas superiores a 14%. O PSI20 perdeu mais de 6% durante as sessões de segunda e terça-feira. As matérias-primas seguiram a tendência de fuga a activos de risco com o ouro a servir de refúgio e o petróleo perder para os cerca de 48USD.

Observatório

PARA REDUZIR CUSTOS OPERACIONAIS

Portos investem em novos modelos de gestão

SECTOR PORTUÁRIO. Um vasto programa governamental de reabilitação de infra-estruturas marítimas e portuárias pretende tornar o sector num dos maiores impulsionadores do desenvolvimento económico regional. Especialistas alertam para a necessidade de também se fazer a integração dos caminhos-de-ferros e vias rodoviárias nestes projectos. Terceirizar os serviços é novo modelo de gestão dos portos.

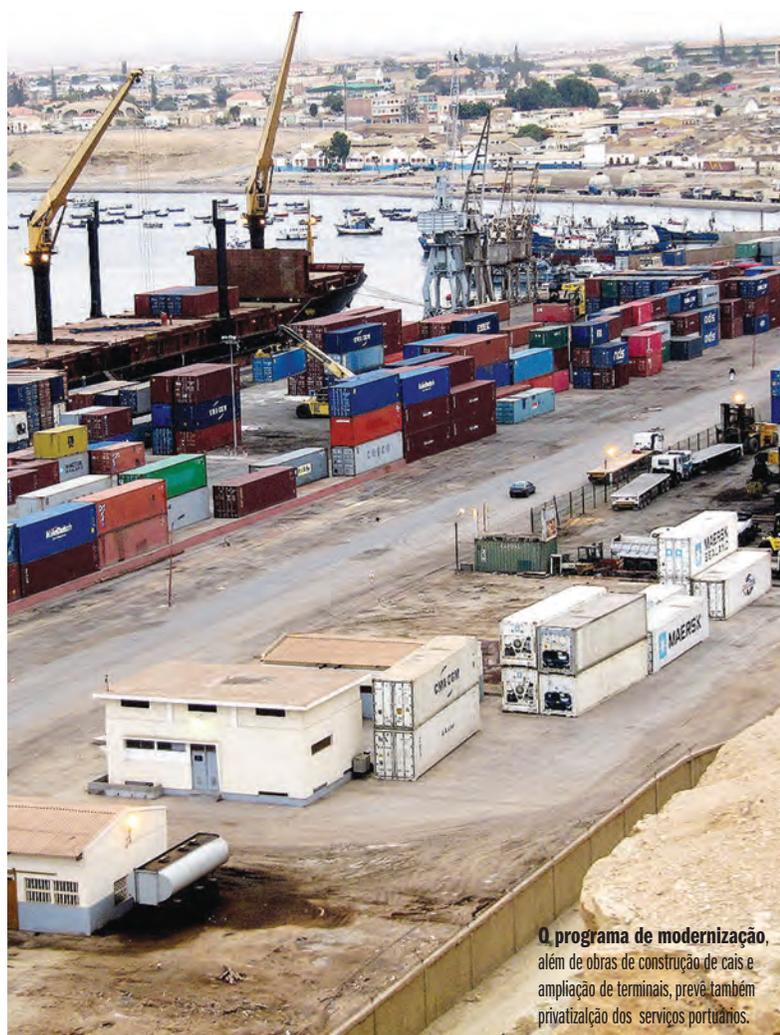
Por António Miguel

Modelos de funcionamento eficientes e rentáveis e expansão de serviços são os principais desafios dos portos de Angola. Nos últimos sete anos, os portos têm levado a cabo projectos de reabilitação das suas infra-estruturas com vista à modernização da prestação dos serviços de carga e descarga, em coordenação com o Ministério dos Transportes. O objectivo é de tornar os portos em grandes vectores de receitas para o aumento do Produto Interno Bruto (PIB).

O programa de modernização, além de obras de construção de cais e ampliação de terminais, prevê também

modelos de gestão de serviços portuários através de concessões a empresas privadas especializadas. Esta experiência já é vivida, há alguns anos, no Porto de Luanda, onde se regista a maior movimentação portuária de Angola. Todos os serviços foram concessionados à gestão privada. Ao Conselho de Administração do Porto de Luanda cabe somente a função de recolha dos dividendos (renda fixa e variável), bem como a fiscalização do cumprimento das obrigações contratuais.

O porto da capital é, do ponto de vista da movimentação de cargas, o maior do país, sendo que o porto do Lobito surge como o segundo seguido por sua vez pelo porto do Namibe. Os portos de Cabinda e Soyo estão em quarto e quinto lugar respectivamente e o do Porto Amboim está inoperante desde a era colonial e à espera de obras desde 2008. Especialistas do ramo afirmam ao VALOR, que a terceirização



Q programa de modernização, além de obras de construção de cais e ampliação de terminais, prevê também privatização dos serviços portuários.

dos serviços de operacionalização de terminais é o modelo de gestão mais seguido no mundo moderno dos portos porque, além de reduzir os custos operacionais e aumentar as receitas, transfere os riscos do Estado para terceiros, neste caso para os operadores privados, “bem como, estimula a competitividade e ‘know-how’” espe-

cializado. “Quem não seguir por esta via fica ultrapassado”, reforça o presidente do conselho de administração do Porto de Luanda, Alberto Bengue.

Dos seis portos (de Cabinda, Soyo, Luanda, Lobito, Porto Amboim e Namibe), apenas os de Luanda e do Namibe adoptaram a ‘doutrina’ da terceirização e resolveram os proble-

mas de congestionamento. Em 2008, o Porto de Luanda chegava a ter mais de 50 navios à espera de descarregamento. A descarga frequentemente só era feita depois de mais de 30 dias.

Existem outros modelos de gestão de serviços portuários, como por exemplo, a privatização, não apenas dos serviços, mas também do próprio porto. Esse modelo regista-se mais na Europa, como no Reino Unido, onde, há portos privados. No entanto, observadores consultados pelo VE “este modelo não é o aconselhável por causa das fragilidades da economia angolana”.

SIMPLIFICAÇÃO ADMINISTRATIVA

Para tornar mais simplificado e aumentar a celeridade administrativa, o Governo aprovou a criação da Factura Única Portuária por Escala de Navio (FUP), um instrumento, que deverá estar disponível para todos os portos angolanos (até ao fim deste ano), e, vai congrega a facturação de todas instituições públicas que prestam serviços a navios, de acordo com resolução do Conselho de Ministros.

A Factura Única Portuária por Escala de Navio surge como resultado do projecto SIMPLEX 2016, que visa a assegurar que todos os valores cobrados pelas várias entidades envolvidas passem a ser faturados por uma única, “com evidentes vantagens para os armadores e com importantes impactos na redução de custos administrativos e de contexto e ganhos económicos relevantes”.

CONTINUA NA PÁG.6

Datas históricas dos portos de Angola

Os portos de Angola foram contruídos na época colonial, com objectivo de servir o comércio de escravos e só depois de muitos anos passaram a movimentar mercadorias diversas. O VE mostra algumas datas relevantes da história dos portos angolanos.

PORTO DE LUANDA

- **1941** - É adjudicada, em Março, a obra de construção.
- **1945** - Inaugurado, em Junho, a primeira fase da empreitada e entram em funcionamento.
- **2002** - Com o fim da guerra civil, aumenta as importações, o que provoca congestionamentos de navios e pessoas, durante os anos subsequentes.
- **2010** - Introduce as novas tecnologias de comunicação, que o torna moderno e elimina as enchentes.

PORTO DE LOBITO

- **1903** - Construção da primeira ponte cais, que funcionou durante 30 anos.
- **1920** - Projecção da maquete do porto.
- **1921** - Início das obras.
- **1928** - Término da empreitada a 31 de Janeiro.
- **1954** - Arranque de obras de ampliação.
- **2008** - Primeira reabilitação do pós-independência.
- **2010** - Inaugurado um porto seco.

2016

ATÉ AO FINAL DESTA ANO, todos os portos nacionais deverão utilizar a Factura Única Portuária por Escala de Navio (FUP), documento que congrega todos os valores cobrados pelas várias entidades públicas, que prestam serviços a navios.

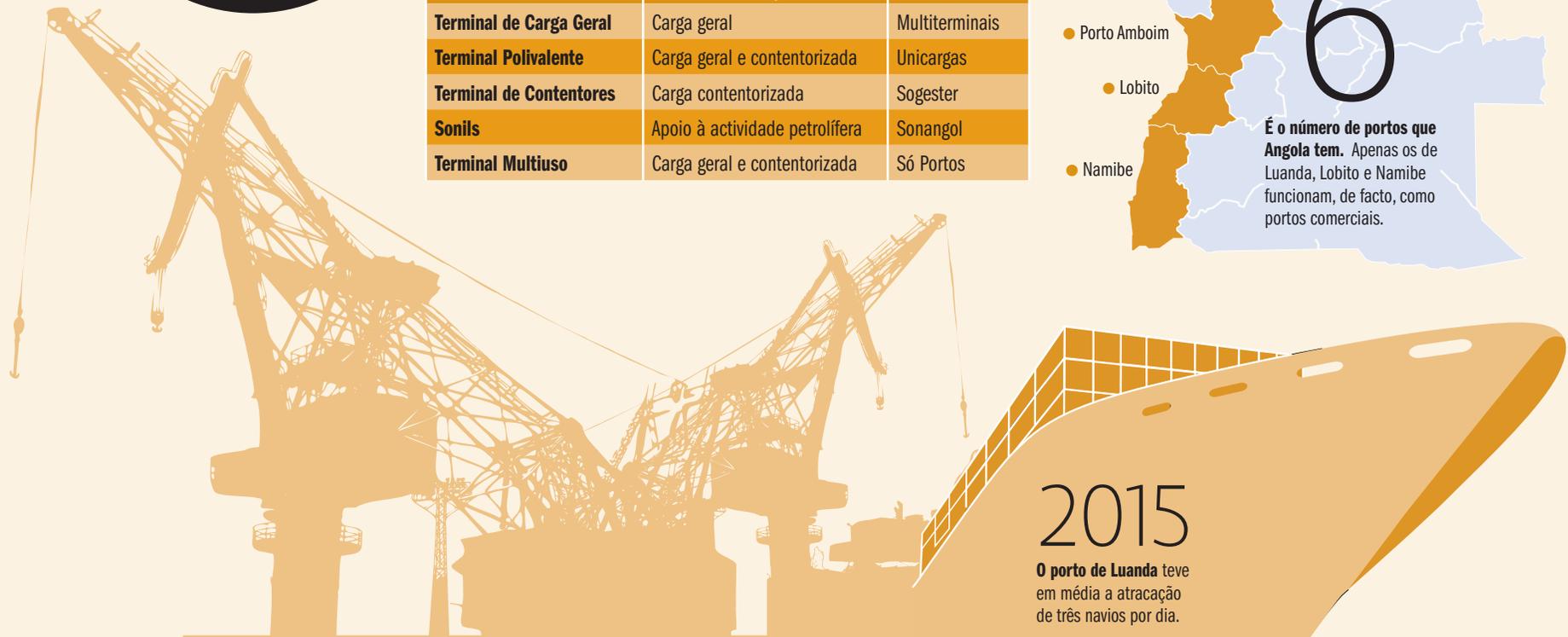
Portos de destino / Mercadorias (Toneladas)

De acordo com os dados do Conselho Nacional de Carregadores, o Porto de Luanda recebeu, no segundo trimestre de 2015, um total de 1.503.497,88 toneladas de produtos diversos, destacando-se à frente do Porto do Lobito, que recebeu 215.246,24 toneladas. O Porto de Cabinda foi o terceiro, com um registo de 72.111,80 toneladas.



PORTO DE LUANDA possui cinco terminais, concessionados a empresas privadas.

NOME	VOCAÇÃO	GESTOR
Terminal de Carga Geral	Carga geral	Multiterminais
Terminal Polivalente	Carga geral e contentorizada	Unicargas
Terminal de Contentores	Carga contentorizada	Sogester
Sonils	Apoio à actividade petrolífera	Sonangol
Terminal Multiuso	Carga geral e contentorizada	Só Portos



PORTO	CONT. 10	CONT. 20	CONT. 40	CONT. 45	FRIGO20	FRIGO40	CONVENCIONAL	GRANEL	TOTAL
Luanda	19,01	656.465,25	239.269,37	3,05	1.518,32	99.252,68	274.420,92	232.549,28	1.503.497,88
Lobito	0	87.411,16	21.850,51	0	153,25	9.059,94	13.816,07	82.955,31	215.246,24
Cabinda	6,06	32.975,86	10.179,96	0	1.024,60	3.495,20	19.011,30	5.418,82	72.111,80
Namibe	0	40.604,88	8.511,79	0	61,44	2.448,33	1.607,12	0	53.233,56
Soyo	0	5.603,26	3.821,22	0	317,62	92,34	40.112,81	1.806,79	51.754,04
Amboim	0	17,18	24,22	0	0	0	1.364,14	0	1.405,54
Total	25,07	823.077,59	283.657,07	3,05	3.075,23	114.348,49	350.332,36	322.730,20	1.897.249,06

Fonte: Conselho Nacional de Carregadores

PORTO DO NAMIBE

- **1952** - Arranque das obras de construção.
- **1957** - Começa a funcionar, com o objectivo de assegurar as exportações coloniais da região sul de Angola, servindo o Namibe, Huíla, Kuando-Kubango e Cunene.
- **1967** - Fundação do porto mineralero do Saco Mar
- **1973** - Atinge o primeiro recorde de movimentação de cargas, na ordem dos 6,2 milhões de toneladas.
- **2008** - Implementação de um amplo projecto de reabilitação e modernização das suas instalações e equipamentos, que continua actualmente.

PORTO DE CABINDA

- **1953** - Data da construção
- **1962** - É elevado a categoria de porto comercial.
- **2015** - Arranque da obras de construção de porto águas profundas, com duração prevista de 24 meses.

PORTO DO SOYO

- **1980** - década da fundação, com objetivo de apoiar actividades petrolíferas do Zaire.
- **2011** - implementação de um programa de modernização, que se mantém até hoje

PORTO DO PORTO AMBOIM

- **1930** - década da fundação, com o objectivo de exportar café, que chegava nos comboios do Caminho-de-Ferro do Amboim. Localizado, no Kwanza-Sul, o porto encontra-se inoperante, desde o fim da época colonial.

Observatório

CONTINUAÇÃO DA PÁG.5

Além da redução directa dos custos por escala de navio, pretende-se, com essa medida, a poupança de 600 mil folhas de papel por ano. A implementação da FUP, cuja ferramenta de base para a sua aplicação será a Janela Única Portuária, deverá estar operacional até ao final de 2016, em função das alterações legislativas, regulamentares, contratuais e tecnológicas que se verifiquem necessárias para o efeito, designadamente no que se refere às normas relativas às taxas aplicadas às escalas de navio e aos procedimentos associados. As empresas portuárias também estão a trabalhar com bancos, no sentido de operacionalizar-se pagamentos, por via do sistema tecnológico de pagamento online, o que diminui enchentes nos guichés dos portos.

DRAGAGEM PRECISA-SE

Como salientaram os especialistas, 'os portos ainda tem muito para galopar' para estarem ao nível dos desafios. Projectos de reabilitação de cais e ampliação de terminais estão a ser levados a cabo, mas as obras de dragagem estão 'a cair no esquecimento'. Actualmente, de acordo com os especialistas, não há em Angola nenhum porto com profundidade acima dos 14 metros, o que contrasta com a crescente necessidade de receber navios de grande porte, que tenham calados na ordem dos 14 metros. O país não dispõe de armadores, mas tem agentes de navegação, que representam os armadores.

O Porto do Lobito é o maior, em termos de profundidade, com 14 metros, no entanto, não tem capacidade para albergar um navio, de 14 metros de calados. Os armadores estão a construir navios cada vez maiores, que também deverão atracar na África Subsaariana. A profundidade do porto de Luanda é de 12,5 metros. "Em Angola devemos seguir este patamar de investimentos. Dragar, de modo, a que estes navios, de 12 a 14 metros de calado, encontrem uma profundidade de pelo

menos 15 a 16 metros", alertaram os especialistas.

VIAS DE ACESSO

Um outro factor fundamental para o funcionamento normal dos serviços portuários de Angola são as vias de acesso aos portos. Se o problema de congestionamentos de navios no Porto de Luanda foi ultrapassado, o mesmo não se pode dizer sobre a situação dos camiões que se afunilam, não apenas à entrada dos terminais, mas também nas vias adjacentes.

Em Luanda, há necessidade, por exemplo, de reabilitar a estrada da Boavista, muito utilizada por camiões que saem do porto e que se encontram em avançado estado de degradação. Bene-

MEMORIZE

● **O Porto de Luanda não depende do Orçamento Geral do Estado (OGE), tendo autonomia administrativa e financeira. A empresa é acionista do Banco de Comércio Indústria (BCI) e pretende investir em outros negócios, fora da actividade tradicional de carga e descarga portuárias.**

ficiu várias vezes de obras de restauro, mas em pouco tempo regressa à situação de intransitabilidade. Este facto, não só eleva os riscos de acidente, como também cria constrangimentos no trânsito.

O triângulo portos, caminhos-de-ferro e transportes rodoviários foi defendido como fundamental para o sucesso da cadeia de mobilidade de cargas em qualquer país. "Se os portos estão a organizar-se, é necessário que se criem também rotas próprias para os escoamentos das cargas", afirmou o presidente da Associação dos Portos de Angola (APANG), Abel Cosme, acrescentado que "hoje, os portos estão a ser transformados em plataformas logísticas para sair daquela actividade

tradicional de carga e descarga".

Abel Cosme defende que os camiões-de-ferros devem ser integrados nos programas de reabilitação dos portos, não apenas pela maior capacidade de carregamento, mas também por ser mais barato e menos poluidor. "Um camião leva um contentor de 40 pés, ou dois de 20 pés. Se tivermos de levar 200 contentores teríamos de ter 100 camiões, pelo menos", afirmou, comparando a um comboio que, com uma composição de vagões, pode levar estes mesmos 200 contentores.

Um dos futuros desafios que exige a modernização tecnológica dos portos nacionais é o aumento do fornecimento de mercadorias aos países SADC sem mar.



Porto de Luanda
refere que há muitas
empresas que ainda não
pagam os impostos.

2008

Aano em que mais de 50 navios ficavam à espera de descarregamentos, no Porto de Luanda, durante 30 dias.

16

Metros de profundidade é o que, pelo menos, os portos de Angola precisam para poder albergar navios modernos de grande porte.

12,5

Metros é a profundidade do Porto de Luanda.

600

Mil folhas por ano serão poupadas com a implementação do Fatura Única Portuária.

Porto do Porto Amboim à espera de 500 milhões de dólares

Pelo menos 500 milhões de dólares são necessários para o arranque das obras de construção do porto, de águas profundas, em Porto Amboim, Kwanza-Sul. A informação foi avançada pelo presidente do conselho de administração (PCA) do Porto do Aboim, Abel Cosme. Há

cinco anos que a construção deste porto é anunciada, mas o 'desejado' não sai do papel.

O arranque das obras estava para 2013, mais tarde passou para 2014. E agora não tem data marcada. "Devido à baixa do preço do petróleo, muitos projectos foram congelados. Estamos

a trabalhar num outro formato que passa por arranjar outras fontes de financiamento", explicou Abel Cosme. A direcção do Instituto Marítimo e Portuário de Angola teve uma reunião com a Sonangol, que tem uma actividade intensa naquele porto, com o objetivo de angariar financia-

2014

A EMPRESA PORTUÁRIA DA CAPITAL movimentou mais de dez milhões de toneladas de cargas contentorizadas e não contentorizadas.

PORTO DE LUANDA

Movimentação de carga cai cerca de 40% em 2015

ABRANDAMENTO. Mais de 80% da actividade portuária de Angola realiza-se em Luanda, onde a movimentação está em queda livre nos últimos dois anos.

Por António Miguel

A movimentação de carga, no Porto de Luanda, que representa mais de 80% do movimento nacional, caiu cerca de 40%, nos últimos dois anos. Em 2014, a empresa portuária movimentou mais de dez milhões de toneladas de cargas contentorizadas e não contentorizadas, tendo esta cifra caído, em 2015, para 7,3 milhões toneladas.

Segundo o presidente do conselho de administração (PCA) do Porto de Luanda, Alberto Bengue, a desaceleração da movimentação também se fez sentir durante o primeiro semestre deste ano. “É consequência da situação macroeconómica menos boa que o país vive. Mas as coisas poderão mudar. Devemos ser optimistas”, encorajou-se, acrescentando que “a empresa está a gizar políticas de marketing com vista a atrair cargas para o porto”.

A firma, que se encontra a funcionar em regime de porto senhorio (serviços concessionados), teve em média, em 2015, a atracação de três navios por dia. Tem uma profundidade, na ordem dos 12,5 metros, no

entanto, incapaz de receber navios modernos de grande porte. Possui cinco terminais, geridos pela Multiterminais, Unicargas, Sogester, Só Portos e Sonils, respectivamente.

Sem precisar custos, Aberto Bengue informou que acabaram os congestionamentos no porto da capital, graças aos investimentos feitos em meio tecnológicos, o que permite atendimento à distância e simplificado. Para o futuro, espera-se a construção do Porto de Dante (propriedade do Porto de Luanda), que deverá ser o maior porto de Angola, com profundidade na ordem dos 16 metros. Mas, por enquanto, não passa de um projecto em papel, já que não há verbas nem data prevista, para o arranque das obras.

O Porto de Luanda tem autonomia administrativa e financeira, não dependendo, por isso, do Orçamento Geral do Estado (OGE). É accionista do Banco de Comércio e Indústria (BCI). A administração pretende aumentar o portefólio de negócios, fora de operação tradicional de carga e descarga. “Existem países que funcionam só com portos. Singapura é apenas um exemplo. É o porto que alavanca a economia daquele país”, aponta o PCA do Porto de Luanda, aconselhado os empresários nacionais a apostarem na exportação.

Além das rendas fixas e variáveis

que recebe dos operadores privados de terminais portuários, as receitas o Porto de Luanda conta com as receitas da Taxa de Utilização do Porto (TPU) paga pelos importadores. Por contentor de 20 pés, por exemplo, cobra-se à volta dos 150 dólares, enquanto, por um contentor de 40 pés, o preço sobe a dobrar. O cliente tem até seis dias para remover a carga, incorrendo, além do TPU, ao pagamento de multa em função do tempo que a mercadoria permanece nos terminais, fora do prazo. “Mas, quem autoriza a entrada e saída de cargas dentro do recinto portuário é a AGT. O porto é um mero prestador de serviços, de carregar e descarregar”, explica Alberto Bengue.

MENOS DE 20% PARA OUTROS...

As operações de cargas e descargas dos portos do Lobito, Namibe, Cabinda e Soyo não atingem os 20% do total do movimento portuários angolano, tendo em conta que Luanda fica com mais de 80%. O do Lobito é considerado o segundo maior porto, seguido pelo do Namibe, na terceira posição. Tal como o de Luanda, estes dois funcionam como portos comerciais, ainda que em menor escala.

O Porto Lobito é o que, a nível nacional, tem maior a profundidade, 14 metros, estando até em condições de receber navios maiores do que os

mento para pelo menos, dar início à construção de um cais. A petrolífera angolana deverá avançar com a obra em parceria com a Sogester. Os primeiros estudos indicavam que as obras ocorria em três fases, entre 2017 e 2024, na zona de Torre-do-Tombo, numa área de 80 hectares,

bem como 30 hectares destinados a um porto seco.

Até 2015, o investimento total estava orçado em mil milhões e 80 milhões de dólares, pelo que a primeira fase arrancaria com 500 milhões de dólares. O porto terá cerca de 12 metros de calado e 500

metros de comprimento, assim como uma profundidade de 14,5 metros, sendo que na primeira fase deve receber dois navios em simultâneo e, na fase final, cerca de sete.

O Porto do Porto Amboim, apesar de ter já alguns anos um conselho de administração, é o único, entre

seis portos que não funciona. E existem mesmo correntes de opinião que minimizam a importância de um porto no Kwanza-Sul pela proximidade da província com os portos de Luanda, a Norte, e do Lobito, a Sul. Abel Cosme justifica a construção, argumentado que “a infraestrutura

portuária é sempre rentável”, pelas potencialidades agrícolas e pecuárias da província. “No futuro vai claramente haver necessidade de exportar produtos agroindustriais e não só. E o Kwanza-Sul tem necessidade de ter um porto intermédio, entre os portos de Luanda e do Lobito”, defende.



Alberto Bengue,
PCA do Porto de
Luanda

Observatório

ABEL COSME, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS PORTOS DE ANGOLA

“O futuro dos portos passa pelas concessões”

ENTREVISTA. A modernização dos portos do país passa pela terceirização dos serviços portuários, o que os tornará mais eficientes e rentáveis, segundo o presidente da Associação dos Portos de Angola (APANG), Abel Cosme, que informou ainda que a APANG está a realizar um estudo sobre cabotagem, com o objetivos de contribuir para o relançamento da actividade em Angola.

Por António Miguel

Q

ue leitura faz à actividade portuária de Angola?

Estamos no bom caminho. Os portos têm-se moderni-

zados. É o caso do Porto do Lobito e o de Luanda. Há um projecto aprovado pelo Governo para a construção de porto de águas profundas de Cabinda e do Porto do Porto Amboim. O Porto do Namibe também está a sofrer reestruturação e modernização.

Estes investimentos são para nos tornarmos mais eficientes. Tempo

é dinheiro e a eficiência nos portos é medida pelo tempo de operação do navio e da entrega da mercadoria ao cliente. Isso só é possível com a modernização dos serviços e formação de recursos humanos.

Os congestionamentos de navios acabaram?

Sim. Felizmente, já há muitos anos que isto ficou resolvido. Com a paz, as importações aumentaram e os portos não estavam preparados, quer em infraestruturas quer em equipamentos, para aquele volume de cargas que recebiam. Mas, graças às estratégias do Ministério dos Transportes, hoje temos portos secos ou terminais de segunda linha que fazem movimentos como em portos da Europa. Tivemos de, primeiro, reorganizar os portos, depois, reordenar os navios para outros portos, fora de Luanda.



A Associação dos Portos de Angola realiza estudos sobre cabotagem para relançar o negócio.

Mas há congestionamentos de camiões?

Hoje os portos estão a ser transformados em plataformas logísticas. Essa é a ideia global, a de sair daquela actividade tradicional de carga e descarga e passar a ser de serviços para aumentar o valor da carga.

Em vez dos camiões, é preferível o caminho-de-ferro, que é um transporte de massa e mais barato. Polui menos. Um camião leva um contentor de 40 pés, ou dois de 20 pés. Se tivermos de levar 200 contentores teríamos de ter 100 camiões, pelo menos. Já um comboio, com uma composição de vagões, pode levar estes mesmos 200 contentores. A poluição é menor e o transporte fica mais barato.

O caminho-de-ferro de Luanda começa no Porto de Luanda, o que também acontece com o Porto do Lobito.

Hoje, qual é o modelo de funcionamento dos portos?

Estamos a seguir o caminho das concessões portuárias. A maior parte dos países adoptou este sistema por ser eficiente.

As autoridades portuárias devem tratar de políticas portuárias e deixar a gestão para as empresas especializadas.

Isto, também para transferir alguns riscos do negócio a terceiros. Chamamos a isso ‘árbitro e jogador’. É autoridade, mas também faz operações.

Desde modo, também reduzimos o peso de investimento do Estado. Se o Estado, por exemplo, tiver de investir 500 milhões na reabilitação de um porto, pode transferir-se este investimento para os privados. Para o efeito criam-se parcerias público/privadas ou concessões portuárias de 20 a 30 anos de gestão.

É o que está acontecer no Porto de Luanda?

Sim. Hoje o porto de Luanda é um ‘porto senhorio’. Os serviços estão todos concessionados, incluído pilotagem, reboque e operações portuárias. O Porto do Namibe está na mesma situação, já é um porto senhorio e, em breve, o Porto do Lobito vai seguir o mesmo caminho. É assim que está acontecer no mundo. O futuro dos portos passa pelas concessões.

São unidades orçamentadas?

Nenhum porto de Angola é uma unidade orçamentada. São empresas públicas e devem ser rentáveis, por isso a ideia de concessionar os serviços para se tornarem eficientes e não uma carga para o erário. A empresa pública é para dar rendimento e não para depender do Estado.

Atracar em Angola é caro?

Os portos eficientes fazem reduzir custos. Reduzindo os custos, obviamente o país sai a ganhar. Existem tarifas de armazenagens a cumprir. Se um porto não for eficiente e, ao invés de entregar a mercadoria em dois dias, fá-lo em 20 dias, o cliente é obrigado a pagar o tempo de armazenagem da mercadoria. E isso agrava os custos.

A APANG tem apenas dois anos de existência. Tem projectos em carteira?

Preconizamos, pelo menos, realizar ‘mesas redondas’ para passarmos as experiências de como os portos funcionam. A primeira será em Cabinda, a 8 e Julho; a segunda será no Lobito e a terceira em Luanda. Estamos a preparar tudo isso ainda para este ano.

Não vêm convidados de fora por razões de dificuldades financeiras. Mas acho que temos algum capital humano capaz de animar os debates. Seria bom partilhar as experiências de especialistas estrangeiros, porque hoje não se vive isolado do mundo, mas as limitações financeiras não nos permitem.

A APANG é membro da associação dos portos da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e, num dos congressos, foi recomendado aos países-membros que realizassem estudos sobre a cabotagem nos seus territórios. Foi orientado



A EUROPA é representada na lista dos 10 maiores portos do mundo com apenas um porto, o de Roterdão, Holanda, que surge na 5ª posição.

também estudos sobre mecanismos de facilitação do comércio entre países da CPLP. Vamos analisar os procedimentos documentais e possíveis facilidades aduaneiras e outros aspectos. Portanto, vai haver melhorias nas relações entre os portos da CPLP.

Porque já não se faz cabotagem em Angola?

O nosso país deixou de fazer cabotagem, há muitos anos, provavelmente, por falta de incentivo, ou porque o mercado deixou de existir, ou ainda por falta de embarcações. Mas, com estes estudos, que agora estamos a fazer, vai ser possível apurar com maior consistência as razões do desaparecimento da cabotagem em Angola.

Os estudos vão ajudar o Ministério dos Transportes a olhar mais para esta vertente. A nível do ministério está a fazer-se tudo para se relançar a cabotagem.

Como a cabotagem também pode ser regional, podemos fazê-la entre os países-membros da SADC. Porque aí, estão levantadas as questões aduaneiras. Há a ideia de livre circulação de pessoas e bens, como tem a União Europeia.

Enquanto presidente da APANG, o que gostaria ver já resolvido?

A preocupação é ver os projectos concretizados. Estou a referir-me à construção do porto de águas profundas, de Cabinda e de Porto Amboim. Sabemos que, por via dos portos, entra e sai a maior parte das mercadorias no país.

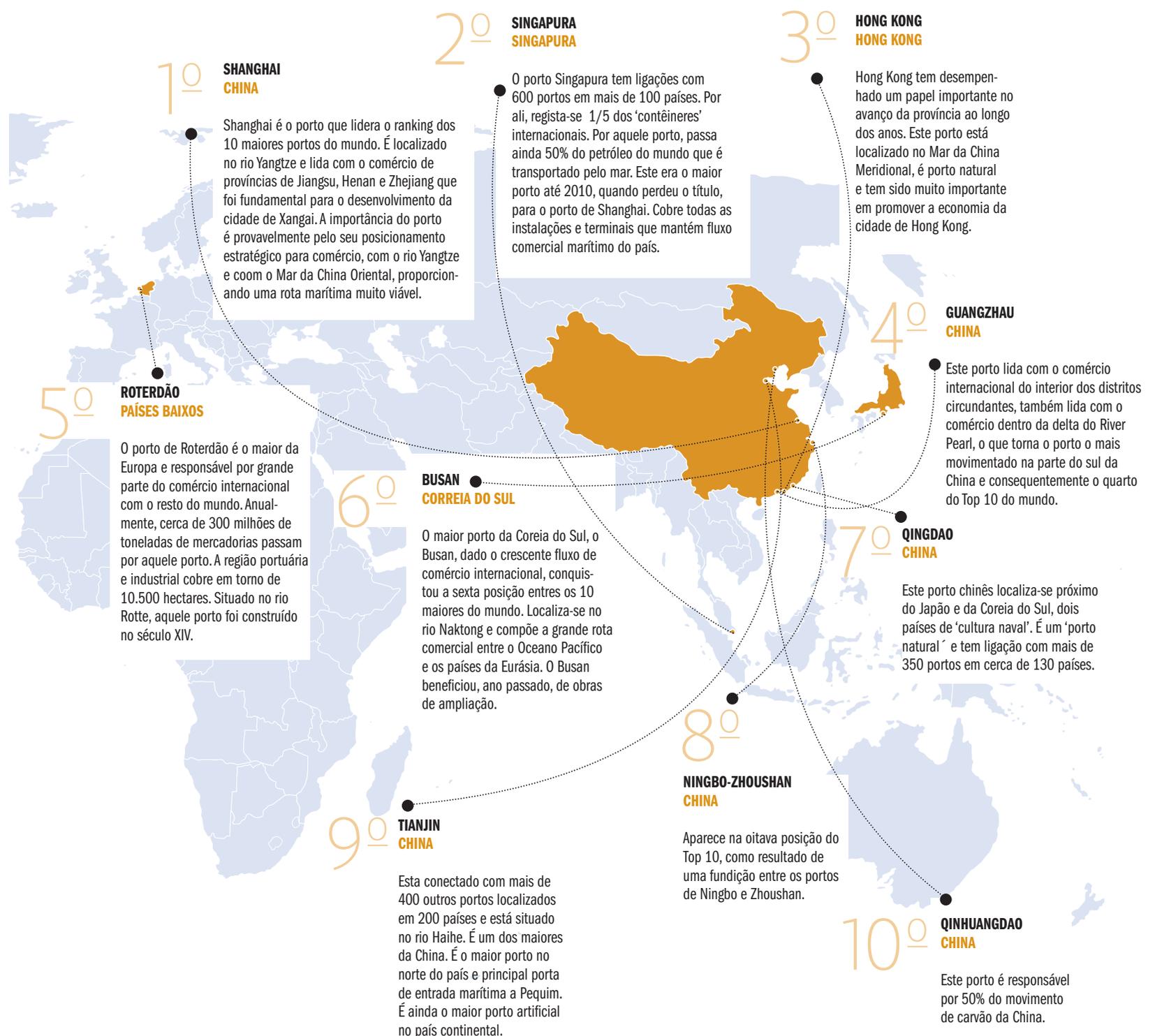
Os portos também servem de barómetro da economia de qualquer país. Penso que, com a modernização dos nossos portos, vamos poder ajudar os países vizinhos, os chamados países encravados que não têm acesso ao mar.

A APANG é constituída apenas por portos?

Essencialmente pelos portos, mas convidamos também empresas gestoras de terminais. Também estamos a preparar convites para agentes de navegação e transitários porque achamos que a APANG deve estar mais próxima das pessoas ou instituições com as quais trabalha, porque é mais fácil levar as nossas preocupações ao Governo estando associados. No fundo, a APANG é um parceiro do Governo.

Top dos 10 maiores portos do mundo

Noves dos dez maiores portos do mundo encontram-se na Ásia, dos quais sete estão situados na China. A Coreia do Sul e a Singapura engrossam a lista com cada um dos portos, enquanto os Países Baixos representam a Europa, com o Porto de Roterdão, que surge na quinta posição entre os maiores do planeta.



Economia/Política

CHAMADAS TELEFÓNICAS MAIS CARAS

UTT sobe 22,3% a partir de Agosto

TELECOMUNICAÇÕES. A nova tarifa poderá ser implementada a partir de Agosto, revela fonte do VALOR, de 7,2 kwanzas a unidade tarifária móvel vai passar a custar 8,80 kwanzas. Unitel e Movicel pediam mais mas o regulador recusou.

Por Valdimiro Dias

O preço da Unidade Tarifária de Telecomunicações (UTT) vai registar um incremento de 22,3% a partir de Agosto, de 7,2 kwanzas para os 8,80 kwanzas, no âmbito do acordo a que o Instituto Angolano das Comunicações (INACOM) chegou com as operadoras de telefonia móvel, revelou uma fonte próxima ao processo de negociação que decorre alguns meses com a Unitel e a Movicel.

A fonte do VALOR revela que a expectativa das duas operadoras era fixar o preço de 1 UTT no valor de 10 kwanzas, um aumento de 38,8%, tal como fizeram constar nas propos-

tas iniciais, valor que encontrou resistência por parte o órgão regulador a quem cabe tomar a decisão final e que, tendo também em conta o contexto económico, limitou o aumento.

Contactado pelo VALOR, o administrador do INACOM, Lionel Augusto, figura que encabeça as negociações com os representantes da Unitel e a Movicel, não confirmou a existência de um acordo, adiantando apenas que o assunto continua a ser trabalhado com as operadoras e que a discussão mantém-se (até à hora do fecho do VE).

A UTT nos 7,2 kwanzas mantém-se desde 2005, altura em que o dólar era comercializado ao valor de 720 kwanzas, pelo que as operadoras entendem ser necessário e urgente o ajustamento. O cambio actual estará a acarretar uma pressão grande do ponto de vista da gestão dos fluxos financeiro de ambas as operadoras.



O INACOM já chegou a acordo com as operadoras Unitel e Movicel

Mário Mujetes © VE

7,2

kwanzas, é o valor actual de cada Unidade Tarifária de Telecomunicações

Em Maio último, o INACOM admitia publicamente, pela primeira vez, estar a ponderar proceder ao reajuste do tarifário de custo dos serviços de telefonia móvel, revelou então Lionel Augusto, quando abordava a problemática da qualidade das telecomunicações.

Indicadores estatísticos do sector das telecomunicações, revelados recentemente pelo titular da pasta, José Carvalho da Rocha, atestam que Angola possui mais de 14 milhões

de utilizadores de telemóveis, e que regista um crescente aumento de utilizadores da internet, fruto dos investimentos realizados nos últimos anos. Segundo o responsável, o serviço de telefonia móvel prestado apenas pela UNITEL e a MOVICEL e caracterizado por muitos especialistas do ramo ouvidos pelo VE como um “duopólio”, seria brevemente alargado à Angola Telecom que actuava exclusivamente no segmento da telefonia fixa.



Expositores vão ter de aguardar até Novembro

Manuel Tomás © VE

CONSIDERA ECONOMISTA

Adiamento da FILDA reduz entrada de capital no país

O adiamento da 33ª edição da Feira Internacional de Lunada (FILDA), anunciado pela própria administração da organização, a semana passada, pode traduzir-se na redução de entrada de capital para o país, considerou o economista Victor Hugo, em declarações ao VE.

O também docente universitário esclareceu que o actual ambiente de negócios, no país, não é favorável para o empresariado, que enfrenta imensas dificuldades como a falta de capital e uma forte retracção nos investimentos, situação agravada com a diminuição da procura de bens e serviços e os altos custos para a aquisição da matéria-prima,

devido à desvalorização do kwanza.

Do ponto de vista externo, o economista acredita haver o interesse de muitas empresas estrangeiras em promover os seus produtos, marcas e serviços sempre na expectativa de, depois da exposição, assinarem algum contrato.

Mas, a situação crítica da economia, segundo o economista, “não lhes oferece esta perspectiva, razão pela qual diminui o interesse de vir para Angola, sendo que há o receio de se promover um produto que pode não ser comercializado”.

As dificuldades para a importação de materiais e equipamentos para montagem dos stands são, entre outros, os

motivos relevantes que determinaram o adiamento da realização da 33ª edição da FILDA, inicialmente agendada para 19 de Julho, para a semana entre 15 e 20 de Novembro deste ano.

A situação, pelo que apurou o VE, está a afectar não só as entidades expositoras, como também as montadoras e outros prestadores de serviços dos ramos das feiras e eventos.

O A edição 2015 da FILDA representou um volume de negócio estimado em 11 milhões de dólares, segundo os dados oficiais.

Valdimiro Dias



CONCERA

- ✓ Betão Pronto
- ✓ Pré-fabricados de Betão
- ✓ Pré-esforçados Ligeiros
- ✓ Betuminoso
- ✓ Aluguer de Equipamentos



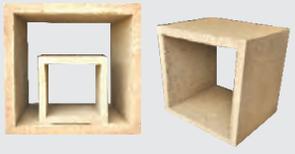
✓ BETÃO PRONTO

- Classes de betão correntes
- Classes de betão especificadas

Para satisfazer as necessidades dos clientes, a Concera, S.A. produz, fornece e disponibiliza o serviço de bombagem do betão pronto, de acordo com as normas em vigor, tipos e classes especificadas.



✓ PRÉ-FABRICADOS DE BETÃO

• Blocos 	• Abobadilhas 	• Lancil 	• Pavê 	• Lajetas 
• Manilhas 	• Grelha de enlramento 	• Tubos 	• Cones 	• Caixas de visita 

✓ PRÉ-ESFORÇADOS LIGEIOS

• Vigotas 	• Painel e Laje Alveolar 	• Laje TT 	• Ripas 
--	--	--	--

✓ BETUMINOSO

- Massas Asfálticas
- Aplicação de Massas Asfálticas



✓ ALUGUER DE EQUIPAMENTOS

- Máquinas para Movimentação de Terras
- Equipamentos de Movimentação de Cargas
- Transportes de Cargas e Equipamentos



Estrada das Terras Verdes
 km 1 Caope Velha Funda - Cacuaco – Luanda
 Escritório: (+244) 928 981 644
 comercial@concerangola.co.ao | www.concerangola.co.ao

Economia/Política

PARA CONSTRUÇÃO DE 16 NOVOS PROJECTOS DE INVESTIMENTO

Governo lança concurso público com dinheiro dos eurobonds

FINANCIAMENTO. Unidade Técnica de Negociação da Casa Civil do PR lançou concurso público de empreitas para construção de 16 projectos de investimento com recurso ao financiamento da emissão de eurobonds. Projectos vão ‘consumir’ mil milhões de Kwanzas.

Por Nelson Rodrigues

Angola vai aplicar parte do financiamento resultante da emissão de eurobonds na construção de 16 novos subsistemas de abastecimentos de águas ao abrigo dos programas de investimentos públicos do Ministério da Energia e Águas, revela um anúncio de concurso público para empreitadas de obras públicas, da Unidade Técnica de Negociação da Casa Civil do Presidente da República.

De acordo com o documento, estão orçamentados mil milhões de Kwanzas (1000.000.000 Kz), em despesas a realizar em 16 localidades de nove províncias, designadamente o Bié, Kwanza Norte, Moxico, Zaire, Uíge, Huambo, Huila, Lunda Norte, e Cunene.

“O Governo de Angola, através do Ministério da Energia e Águas, no âmbito do programa de investimentos públicos, enquadrado na sequência da recente emissão de títulos de dívida soberana no mercado internacional, sob a forma de eurobonds, torna público que está aberto o concurso público para a construção de 16 projectos sociais”, lê-se no documento assinado pelo director da Unidade Técnica de Negociação da Casa Civil do PR, André Luís Brandão, tornado público na edição de 22 de Junho do ‘Jornal de Angola’.

Angola emitiu, pela primeira vez, títulos da dívida soberana nas praças financeiras internacionais no valor de 1,5 mil milhões de dólares, em Setembro do ano passado, cujos prazos de reembolso foram acordados para Novembro de 2025. A operação foi concretizada a 4 de Novembro, marcando a estreia do país neste tipo de financiamento.

Entretanto, a Casa Civil do PR não avança, no anúncio de concurso público, se o Governo já absorveu os 1,5 mil milhões de dólares, ou parte do total colocado nas praças financeiras internacionais. O documento é também omissivo sobre as outras áreas de alocação do dinheiro dos eurobonds, fazendo referência exclusiva a programas da Energia e Águas.

O jornal contactou o gabinete de comunicação institucional do Ministério das Finanças para apurar a situação dos eurobonds e se já está na posse do Tesouro o montante das emissões de Novembro, mas, até ao fecho desta edição, não obteve respostas.

A crise económica e financeira e a forte pressão sobre as divisas tem justificado as necessidades de financiamento do Governo, tendo obrigado a equipa económica do Executivo de José Eduardo dos Santos a lançar-se nos mercados internacionais, já que as necessidades de financiamento do Orçamento Geral do Estado de 2015 ficaram superiores a 20 mil milhões de dólares.

JUROS PAGOS EM MAIO

Com o lançamento nos eurobonds, o país assumiu o compromisso de liquidar os juros desta emissão, definidos em 9,5%, aos dias 12 de Maio e 12 de Novembro de cada ano, a contar

André Luís Brandão,
Director da Unidade
Técnica de Negociação
da Casa Civil da PR



Mário Mijangos © VE

desde 2016. “Esta emissão inaugural é um passo extremamente importante para o nosso país e nós vemos isso como o início de um relacionamento de longo prazo com os mercados de capitais internacionais”, afirmou, no ano passado, o ministro das Finanças, Armando Manuel.

QUEM SÃO OS CREDORES

A operação foi distribuída, entre outros, por investidores norte-americanos e europeus, como gestores de fundos, bancos e fundos de pensões. O interesse dos investidores, na primeira emissão

do género feita por Angola, ultrapassou quase cinco vezes o montante que o país pretendia colocar.

Angola fixou um prazo de dez anos de maturidade – pagamento do montante financiado – para “criar uma forte referência que combinou com a sua preferência por duração, consistente com o uso das receitas para fins de infraestrutura”. O banco norte-americano Goldman Sachs International actuou como líder do consórcio de bancos que estruturou a operação, que incluiu ainda o alemão Deutsche Bank e os chineses da ICBC International.



Cambambe com mais energia

A primeira turbina, de um grupo de quatro que compõe a segunda fase da central hidroeléctrica de Cambambe, entrou em funcionamento na semana passada (30 de Junho). A turbina possui uma capacidade de 175 megawatts.

Até Dezembro, as quatro turbinas devem estar a produzir 700 megawatts que, adicionados aos 260 megawatts da Central I, vão fazer com que o aproveitamento hidroeléctrico produza 960 megawatts de energia eléctrica.

O Programa de Modernização e Expansão da Barragem de Cambambe contemplou a elevação da queda, de 100 para 130 metros, bem como a construção de uma nova central, com quatro grupos geradores de 175 megawatts cada um.

As obras foram divididas em três fases. A primeira para reabilitação e modernização da antiga central. A segunda para a construção de uma nova central, enquanto a terceira está reservada à implantação de três novas sub-estações.

A reabilitação da central número um, escavada na rocha, e que teve início em Março de 2009 e concluída em 2012, consistiu na instalação de quatro grupos de geradores modernos de 65 megawatts (MW) cada um, em substituição dos quatro anteriores de 45 megawatts cada, o que permitiu elevar a capacidade instalada de 180 para 260 megawatts.



UMA DELEGAÇÃO angolana estabeleceu, a semana passada, acordos de princípios sobre as trocas comerciais com a República Democrática do Congo (RDC) nos domínios da pesca e da agricultura.



ANGOLA recebeu um quarto dos empréstimos concedidos pela China a países africanos, nos últimos 15 anos. Segundo um estudo, elaborado por académicos norte-americanos, 84% do crédito concedido à indústria extrativa ficou com a Sonangol.

MOTORISTAS CHEGAM A USAR DOIS TAXÍMETROS

Táxis personalizados ‘especulam’ tarifas

TRANSPORTES. Associação de consumidores denuncia especulação nas empresas de táxis personalizados e há quem confesse que certos taxistas chegam a utilizar dois taxímetros.

Por Isabel Dinis

Nos últimos tempos quem recorre ao serviço de táxi personalizado, no Aeroporto 4 de fevereiro e nas grandes superfícies comerciais, tem-se deparado com preços que chegam aos 45 mil kwanzas, por uma viagem até aos arredores de Luanda.

Motivada por essa razão, a Associação Angolana dos Direitos do Consumidor (AADIC) denunciou a especulação “gritante” de preços praticados pelas empresas prestadoras de serviço de táxi e endereçou uma carta ao INADEC, aos Ministérios dos Transportes, do Comércio, das Finanças e ao presidente do conselho de administração da ENANA “a fim de tomarem providências”.

Na carta de denúncia enviada às instituições, a AADIC faz menção de algumas operadoras e exemplifica que, numa viagem de “mais ou menos 5 quilómetros, ou seja, do Aeroporto 4 de Fevereiro até à Mutamba (Baixa da cidade), o consumidor é capaz de pagar 250 dólares. “O absurdo consiste nas tarifas serem taxada por taxímetros”, lê-se no documento. O Assessor de comunicação da AADIC, Luís Garcia, declarou ao VALOR que o país precisa de uma regulamentação da lei 1/05 de 17 de Janeiro, que atri-

bui essa responsabilidade ao Ministério dos Transportes.

Luís Garcia defende que o ministério deve criar um tarifário para as empresas de táxi se guiarem de modo a evitar-se que pratiquem preços a seu “belo prazer”. “Os preços têm sido feitos de forma arbitrária, muito em benefício das prestadoras de serviço. Temos grandes dificuldades nos transportes públicos e os serviços personalizados vêm para cobrir esse défice, mas precisamos que existam instituições que regulem essa prática comercial”, insistiu.

A directora geral do Instituto Nacional dos Transportes Rodoviários, Noelia Costa, declarou que o ministério regula a actividade dos transportes e não os preços dos táxis personalizados. “Os preços dos táxis fazem parte dos preços vigiados pelo Ministério das Finanças e a regulamentação é tarefa do Instituto de Preços e Concorrência (IPREC), que está a trabalhar nisso”, explicou.

Um taxista da empresa de táxi R.M.F.P que não quis identificar-se revelou que, não obstante as empresas de táxi usarem o taxímetro que controla a corrida e o valor a pagar-se, alguns motoristas, principalmente os do aeroporto internacional, usam dois taxímetros, um legal e um “fantasma”. “As empresas bloqueiam o taxímetro para evitar a especulação e o motorista faz o possível para comprar um taxímetro só dele. Muitas vezes quando o cliente se queixa à



As empresas de táxis personalizados são obrigadas a pintar os táxis de cor branca e letras pretas.

empresa, esta nega os valores cobrados”. O taxista explicou que, por exemplo, na R.M.F.P, logo que o cliente entra no carro, o táxi já regista 300 kwanzas e, ao “longo do percurso, o taxímetro vai contando. Quanto mais acelerar mais ele cobra. “É preferível o cliente pedir a tabela do que o taxímetro que cobra mais”, aconselha. O mesmo admitiu já ter visto colegas a cobrar acima de 100 mil kwanzas por corrida e por essa razão o “número de clientes tem reduzindo consideravelmente nos últimos tempos”.

Luís Garcia aconselha os consumidores de táxis personalizados que se depararem com preços “exorbitantes” a fazerem queixa às empresas

fornecedoras do serviço e a perguntarem antes de subir no táxi o preço pré-estabelecido e “exigirem sempre a factura”.

125 EMPRESAS LICENCIADAS
A directora do Instituto Nacional dos Transportes Rodoviários, Noelia Costa, revelou que existem em Angola 125 empresas de táxis personalizados licenciadas. A Macon foi a primeira empresa que surgiu com este serviço em 2002, denominado MaconTáxi seguida da Afritáxi em 2010, que faliu. Todas as empresas de táxis personalizados são obrigadas, desde o ano passado, a pintar os táxis de cor branca e letras pretas.



Produção de cimento com excedente

Com uma produção instalada de 8,3 milhões de toneladas/ano, a indústria cimenteira nacional dispõe de um excedente de 2,3 milhões toneladas de cimento anuais, quantidades que podem ser exportadas para outros mercados.

Segundo dados do Ministério da Indústria sobre a produção de cimento no país, a procura interna anda à volta de seis milhões de toneladas/ano.

O maior investimento no sector foi feito na localidade de Bom Jesus, pela empresa chinesa CIF. O segundo maior investimento é da Nova Cimangola, também em Luanda. As duas fábricas juntas representam mais de cinco milhões de toneladas de cimento, do total que se produz anualmente no país.

Mas a pioneira na indústria cimenteira angolana é a Secil Lobito, que entrou em funcionamento, em 1952, com a denominação de Companhia de Cimentos de Angola.

Hoje remodelada, a Secil passou de 17 mil toneladas mês, em 2015, para 12 mil toneladas mensais este ano.

Um decreto conjunto (nº 15/14, de 15 de Janeiro) proíbe a importação de cimento, com excepções para três províncias fronteiriças (Cabinda, Cunene e Kuando Kubango), cada uma com uma quota de importação de 150 mil toneladas.

Economia/Política

RELANÇAMENTO DA INDÚSTRIA MOAGEIRA

Angola avança sem trigo de produção interna

INDÚSTRIA. A importação de trigo ocupa a posição 11, na lista dos 100 produtos que o país mais compra do exterior. Angola importa em média 46.455 toneladas por ano, internamente não se conhece nenhuma produção de trigo em grande escala.

Por José Zangui

Sem matéria-prima, sobretudo o trigo em grão, que é importado em cerca de 100%, Angola avança com a montagem de moageiras de trigo. Com o passo, pretende-se melhorar a disponibilidade de farinha de trigo para a indústria de panificação, massas alimentares e bolachas, embora a produção deste cereal esteja circunscrita às províncias do Huambo e do Kwanza-Sul.

De tão residual, o trigo nem consta das estatísticas do Ministério da Agricultura sobre a produção de cereais.

Na década de 1990, as principais moagens de trigo, nomeadamente a Kianda e Kwaba, em Luanda, a Cerangola, em Benguela, e a Saydi Mingas, na Huíla, encerraram por causa da dependência das importações e porque não havia produção local suficiente de matéria-prima que sustentasse as unidades fabris.

O programa grandes moagens que pode arrancar em 2017 e repete assim a situação da indústria têxtil que deve arrancar em Julho sem algodão “made in Angola”, numa altura em que o país precisa de poupar divisas.

PRODUÇÃO APENAS NO PAPEL
No Planalto Central onde estão a ser criadas as condições para o cultivo de trigo em grande escala, no âmbito da quota de produção local para o programa Grandes Moagens.

O Huambo tem projectos de relan-



A produção do trigo em Angola é de subsistência

Grandes moagens sem matéria-prima

O Projecto Grandes Moagens de Angola é um investimento privado, inicialmente avaliado em mais 101 milhões de dólares, aprovado pela Unidade Técnica para o Investimento Privado (UTIP) que consiste na instalação de uma moagem de trigo, dentro do Porto de Luanda.

A primeira fase das obras foi adjudicada ao consórcio Martifer Angola-Casais Angola, enquanto a segunda ficará a cargo da Mota-Engil Angola. Este projecto vai apenas transformar a matéria-prima, o trigo a granel, que será importado dos Estados Unidos da América (EUA), França, Alemanha e Cazaquistão.

Prevê produzir 930 toneladas de farinha e 260 de farelo, resultantes de um processamento diário de 1.200 toneladas. Seguindo a mesma lógica, das anteriores que faliram por falta de produção interna do trigo em grão, no ano passado, a Induve, empresa que exporta farinha de trigo anunciou a montagem de uma fábrica moageira, em Luanda, para recorrendo-se da importação de trigo em grão, transformar anualmente 375.000 toneladas.

Muita divisa para o trigo

A importação de trigo ocupa a posição 11, na lista dos 100 produtos que o país mais importa. Angola importa em média 46.455 toneladas por ano.

Em 2014 e 2015, Angola gastou 570 milhões de dólares na compra de farinha de trigo. Foram 250 milhões de dólares em 470 mil tone-

ladas em 2014 e 320 milhões de dólares para 510 toneladas de farinha de trigo, no ano passado.

Estes números são considerados, por especialistas, como “proibitivos”, numa altura em que o país vive sérias dificuldades financeiras devido à baixa do preço do petróleo.

ramento da produção de trigo nos municípios de Eculha, Londuimbali e Chicala-Cholohanga, mas o trabalho que está a ser feito de momento é apenas de pesquisa e avaliação de terras com o acompanhamento do Ministério da Agricultura.

MEMORIZE

- Em 2015, Angola gastou 320 milhões de dólares para importação de 510 toneladas de farinha de trigo.

11ª

Posição do trigo entre os 100 produtos que Angola mais compra do exterior

Diversificar a Diversificação



Rui Malaquias
Economista



Mário Muijes © VE

Diversificar a economia é um lema, é um objectivo e principalmente é a única alternativa para a nossa sobrevivência como país, se quisermos deixar uma herança suportável para as gerações vindouras. Como o veriz está para as unhas, a diversificação da nossa economia está para a produção nacional, pois o relançamento da produção nacional, para além de limitar as importações (deixando de pressionar a utilização das divisas), acaba com a dependência dos bens estrangeiros e das flutuações/choques dos outros mercados, o que corresponde a essência do processo de diversificação económica.

Produzindo bens internamente, estaremos automaticamente a potenciar as nossas exportações, e claramente a resolver o problema da dependência do petróleo, como único bem de exportação para entrada de divisas no país. Desta forma, estaremos a diversificar as fontes de entrada de divisas, mas também a diversificar os investimentos produtivos, sendo que teríamos várias indústrias fortes para balançar a carteira de investimentos da nossa economia. Esta lógica é cristalina, pois, quando se

investe em vários sectores, mesmo em bolsa, o aconselhável é não comprar títulos de um único sector, mas sim investir em títulos de diversos sectores, porque, caso o sector energético estiver com problemas e a cotação e os retornos destes investimentos descerem, certamente os investimentos no sector agrícola estarão em valorização, pois a utilização de fontes de energia ligadas aos campos agrícolas ganhará interesse.

No âmago da diversificação, a desaceleração de um sector será compensada pela subida do outro sector, dentro da mesma carteira

Diversificar a diversificação é a solução para manter regular a capacidade da economia de lidar com o estrangeiro, suportar os choques dos mercados alvos das nossas importações, suste as variações no preço do petróleo...

de investimentos. Neste contexto, se diversificarmos, se pusermos os ovos em várias cestas, a queda do preço do Brent deverá ser compensada, pela subida nas vendas de outra matéria-prima, evitando assim o desequilíbrio na balança de pagamentos. A diversificação, no estágio de relançamento da produção nacional, é essencial porque também cria empregos em Angola, aumenta o rendimento disponível das famílias e empresas, aumenta a base de arrecadação fiscal, melhorando as condições de financiamento da economia e a capacidade do Estado prover mais e melhores bens públicos.

Tal estágio não pode ser a única frente do processo, pois, mesmo nesta fase da nossa diversificação, precisamos, para além de produzir bens para cobrir a procura interna e limitar as importações, imediatamente de ter matérias primas para a exportação, com a mesma urgência que temos em relançar a produção nacional.

É nosso entendimento que a produção nacional só será relançada com esforço de aquisição de maquinaria e know how vindo do exterior, sendo para isso preciso as divisas que antes o petróleo brindava. Portanto, o processo de diversificação deverá ser, ele mesmo, diversificado. É preciso

abrir caminho/dar tratamento especial às exportações, fazer estudos aprofundados sobre bens rapidamente exportáveis, criar para estes linhas de financiamento especiais para exportação, canalizar apoio do Estado angolano para tais iniciativas, bem como promover a cooperação internacional para que os bens cheguem aos mercados internacionais.

Por outro lado, é importante que o Estado apoie de forma directa a materialização de empreendimentos nacionais no estrangeiro, acautelando uma considerável participação estatal no capital social destes negócios, por forma a repatriar divisas para o país.

A diversificação que nos interessa deve ter dois fluxos inversos, de fora para dentro e ao mesmo tempo de dentro para fora, sendo que o fluxo de entrada estará ligado à entrada de investimento estrangeiro/privado para criar emprego internamente, aumentar a produção nacional, satisfazer a procura interna, limitar as importações para níveis mínimos necessários e assim reduzir o esforço sobre as divisas e aumentar o produto interno bruto nacional.

O fluxo de dentro para fora deve ser uma realidade, no sentido de se fazer um esforço produtivo para exportação, ainda que sem elevados níveis de transformação dos produtos exportados, e por outro lado implantar negócios no estrangeiro para que possam ganhar mercado e repatriar recursos para Angola em forma de retorno do capital investido, contribuindo assim para a entrada de divisas, divisas estas que deverão alimentar o fluxo anterior.

Diversificar a diversificação é a solução para manter regular a capacidade da economia de lidar com o estrangeiro, suportar os choques dos mercados alvos das nossas importações, suste as variações no preço do petróleo e principalmente estarmos em condições de afirmar que o que estamos a consumir, e com satisfação, é produzido internamente.

Mercado & Finanças

TERCEIRA ALTERAÇÃO NO ANO

Taxa BNA dispara para 16% em Julho

JUROS. Banco central aumentou a taxa em cinco pontos percentuais desde Janeiro, ultrapassando já a “meta” prevista pela agência Fitch para todo o ano.

Por Cândido Mendes

O Banco Nacional de Angola aumentou a taxa de juro de referência - a Taxa BNA - para um recorde de 16%, o segundo aumento desde que Valter Filipe assumiu as rédeas do banco central (ambos de dois pontos percentuais) e o terceiro neste ano.

A Taxa BNA estava a 14% antes da reunião de Comité de Política Monetária do banco central, o órgão que mensalmente “analisa a evolução dos indicadores relativos à economia internacional e nacional com realce para os sectores real, fiscal, monetário e externo”.

Na reunião de 30 de Junho, “foi prestada particular atenção à trajetória recente dos preços na economia nacional, tendo sido notado, com preocupação, a persistência da inflação mensal à volta de 3%”, disse o BNA em comunicado divulgado no seu sítio da Internet.

O abrupto incremento acontece numa altura que o Fundo Monetário Internacional (FMI) revela, em Washington, Estados Unidos, que Angola cancelou as negociações de pedido de assistência financeira que visava ajudar a estabilizar a economia nacional, confirmado uma notícia avançada, em Maio, pelo VALOR que se referia à indisponibilidade das autoridades nacionais em avançar com o acordo. Ainda assim, a decisão acabou por surpreender alguns observadores, por acontecer poucas semanas depois de uma missão do FMI ter

estado em Luanda precisamente para as discussões preliminares sobre o empréstimo e assistência. O Governo agora prefere continuar apenas com as revisões que têm sido feitas à base do postulado no Artigo IV, que basicamente se refere às avaliações do desempenho económico.

Segundo observadores, Angola tem-se esforçado para lidar com a desvalorização dos preços do petróleo desde meados de 2014, altura a partir da qual as receitas do Estado começaram a registar quedas significativas e o kwanza começou a derapar.

Gerry Rice, porta-voz do FMI, referiu, na capital norte-americana, que a decisão de cancelamento das consultas foi tomada pelo Presidente José Eduardo dos Santos, que decidiu-se “apenas pelas discussões sobre avaliação económica anual do país.”



Mário Mujetes@VE

Outros números do BNA:

- Taxa de Juro da Facilidade Permanente de Cedência de Liquidez sobe de 16% para 20%;
- Taxa de Juro da Facilidade Permanente de Absorção de Liquidez de sete dias sobe de 2,25% para 7,25%;
- De acordo com dados preliminares, em Maio de 2016, o crédito à economia diminuiu 0,39%. Por outro lado, o crédito bruto ao Governo Central (titulado e não titulado) cresceu 4,05%, enquanto os depósitos do Governo junto do sistema bancário contraíram em 5,87%;
- Bancos comerciais compraram divisas no valor de 611,6 milhões de dólares ao BNA;
- 176 milhões de dólares comprados a clientes
- 5,91%, foi a queda na disponibilização de divisas em relação a Maio

190 mil milhões Kwanzas para regularização de dívida

Por Cândido Mendes

O Ministério das Finanças autorizou o Banco Nacional de Angola a vender Obrigações de Tesouro (OT) no valor de 190 mil milhões de kwanzas, para a regularização do empréstimo contraído pelo Governo junto do banco central, de acordo com um decreto presidencial publicado no Diário da República, no final de Junho.

O valor nominal do ‘Kwanzabond’ (emitido em moeda nacional) será feito em títulos unitários de 100 mil kwanzas não reajustáveis, sem juros de cupão e com maturidade de 10 anos.

A emissão de dívida tem sido, nos últimos meses, o recurso para o financiamento da despesa pública, mas também para capitalização das institui-

ções do Estado, como foi recentemente com a ENSA, o BPC e o BCI, aos quais o Ministério das Finanças autorizou a venda de dívida para incremento dos respectivos capitais sociais. O chefe da missão do FMI afirmou, em meados de Junho em Luanda, que a prática era comum “em toda a parte,” embora vários observadores estejam a lançar “alarmes” sobre o acentuado endividamento público, quando não se vislumbram melhorias das perspectivas económicas. “É muito importante que qualquer outra dívida contraída por Angola seja feita com o menor custo possível e os montantes têm de ser reinvestidos em proje-

tos que ajudarão a economia a diversificar e ganhar receitas”, analisa Doces Mazzuchetti, analista de risco do banco FirstRand Ltd, em Joanesburgo, citado pela Bloomberg.

Desde já, os juros do Eurobond de 1,5 mil milhões USD, cujo vencimento é Novembro 2025, aumentaram para 10,32%, um incremento de 58 pontos base, imediatamente após as declarações do Presidente da República, há duas semanas, no Moxico, sobre a falta de contribuições da Sonangol serem difundidas por agências internacionais. Tratou-se da maior subida desde 12 de Abril, quando as agências de notações baixaram o ‘rating’ de Angola.



O GOVERNADOR do BNA, Valter Filipe, nomeou o jurista Domingos das Neves, para exercer o cargo de Provedor do Consumidor de Serviços e Produtos Financeiros (PSF).



AS COMISSÕES Económica e para a Economia Real do Conselho de Ministros analisaram a proposta de Revisão do Orçamento Geral do Estado (OGE) de 2016, visando ajustar os indicadores económicos à realidade actual,

MEDIDA ENTROU EM VIGOR A 1 DE JULHO

Fisco recolhe ‘descontos’ sobre operações bancárias

FINANÇAS PÚBLICAS. Agentes económicos passaram a descontar, desde a última sexta-feira, um valor equivalente a 0,1% em operações bancárias diversas, abrangendo levantamentos, transferências interbancárias e demais serviços.



Bancos começam a cobrar por todas as transferências

100

kwanzas movimentados provoca um desconto de 10 por cento na conta dos clientes bancários

A medida abrange, também, pagamentos de serviços, efectuados pelo balcão ou por multicoixa, compra e venda de divisas e operações de liquidez realizados entre os bancos comerciais. Ou seja, desde a semana passada, quem solicita um serviço ao banco, desde os depósitos a levantamentos, está a pagar mais 0,1%, além dos custos com comissão de serviço de intermediação dos bancos comerciais.

Segundo as contas do Ministério das Finanças, por cada 100 kwanzas movimentados, os clientes poderão descontar 10 cêntimos, sobre a operação realizada a favor da conta Única do Tesouro.

Desde 2015 que a Contribuição Especial Sobre Operações Bancárias entrou para agenda do Governo e vem novamente expressa no OGE deste ano, mas só em Fevereiro foi regulamentada.

De fora ficam as transferências de salários, subsídios e pensões, as transferências entre contas do mesmo titular domiciliadas em bancos em Angola, transferências abrangidas pelo regime jurídico da Contribuição Especial sobre as Operações Cambiais e o pagamento de impostos e contribuições para a Segurança Social.

da contribuição especial, criado pelo decreto presidencial nº1/16, de 24 de Fevereiro.

Com a medida, ficam sujeitos ao pagamento da taxa de 0,1% as operações a débito, por instituição bancária, em contas correntes de depósitos, empréstimos, poupanças e pagamento de quaisquer créditos, conforme previsto no Orçamento Geral do Estado (OGE) deste ano e incluída nos termos do Código Geral Tributário.

Por Nelson Rodrigues

Os bancos começaram a transferir, desde 1 de Julho, uma taxa de 0,1% sobre o valor de diversas operações bancárias realizadas por clientes para o Tesouro, de acordo com o regime jurídico



BNA não perdo a omissões

SETE BANCOS MULTADOS PELO BNA

Omissões punidas com 2,4 milhões de kwanzas

Sete bancos foram ‘castigados’ pelo Banco Nacional de Angola (BNA), com multas de 277,7 mil e 833,3 mil kwanzas, totalizando 2,4 milhões de kwanzas, por não declararem atempadamente informações relativas aos leilões de divisas realizados entre Maio e Junho.

De acordo com o BNA, constam da lista os bancos Angolano de Investimento (BAI), Millennium Atlântico (BMA), Keve, Sol, Caixa Angola, BCI e o Standard Bank, que devem pagar, individualmente, uma quantia de 277.776 kwanzas ao banco central, por dois dias de atrasos na entrega de informação, sendo que o BAI paga, isoladamente, 833.3 mil kwanzas por quatro dias de atraso.

A administração do BNA garante não ter recebido dos bancos, nesse período, relatórios de venda de divisas, conforme exige uma directiva de alocação de recursos ao mercado cambial, datado de 17 de Março, duas semanas depois do governador Valter Filipe iniciar funções.

KEVE E O SOL PROTESTAM

Entre os sancionados, houve quem rejeitasse as medidas disciplinares do BNA. O Ban-

co Keve, por exemplo, informa, na sua página de internet, que vai recorrer e pedir anulação da medida por ter observado o calendário de entrega do relatório.

O Banco Sol também assegura ter respeitado o calendário do BNA, acrescentando que foram destinadas às necessidades previamente apresentadas ao regulador. Analistas económicos elogiam, no entanto, as medidas do BNA, que promete continuar a aplicar a ‘mão pesada’ sobre os incumprimentos dos operadores bancários. Para o economista Emílio Londa, as multas são instrumentos reguladores dos mercados e visam disciplinar operadores económicos que não observam as regras e sugere que haja “equilíbrio” entre a infração e a penalização. Lopes Paulo é outro economista que concorda com o BNA e defende que as sanções devam continuar no caso de os bancos insistirem na prática de omissão dos dados referentes à distribuição da moeda estrangeira.

Outros analistas consideram, no entanto, as multas “irrisórias”.

Empresas & Negócios



Leonardo Teka Nganga,
CEO da EWS

Mário Mujica/VE

Empresas pesqueiras em risco de paralisar

Muitas empresas do sector das pescas correm o risco de paralisar a actividade por falta de abastecimento técnico-material (ATM), no Namibe, declararam empresários, num encontro de auscultação, promovido pela Unidade Técnica para o Investimento Privado (UTIP).

Os empresários defenderam a instalação de fábricas de pescas, no país, como uma forma de colmatar as deficiências existentes. O presidente da Associação Provincial de Pescas, Mário Faria, lembrou também que o Estado já punha à disposição do sector um valor anual de três milhões de dólares para a compra de materiais como redes, motores e outros equipamentos, mas que, com a crise este investimento deixou de ser feito. “Além de não termos ATM, não há mecânicos especializados, razão pela qual muitas embarcações estão paralisadas, às vezes por falta de um parafuso”, declarou.

O empresário Mário Faria explicou ainda que o país precisa de uma fábrica de embalagens, para facilitar o processo de distribuição do pescado.

A representante da Associação das Mulheres Empresárias do Namibe, Marcelina Baptista, questionou, no entanto, os critérios de aprovação e financiamento de projectos, referindo que pela sua associação entraram várias propostas empresariais nas unidades de apoio ao investimento privado, mas nenhuma foi aprovada.

EFEITOS DA CRISE

Facturação da EWS Angola cai 46% em apenas um ano

PETRÓLEO. Dos 15 milhões de dólares registados em 2014, os resultados da empresa prestadora de serviços petrolíferos quedaram para os oito milhões no ano passado.

Por Valdimiro Dias

A facturção da EWS, uma das poucas empresas nacionais prestadoras de serviços na indústria petrolífera, recuou cerca de 46,6% para os oito milhões de dólares, em 2015, apurou o VALOR junto da administração da firma.

Depois dos cerca de 15 milhões de dólares de receitas em 2014, os resultados da empresa, que actua especificamente no segmento da manutenção das linhas, sobretudo a corrosão, viram-se afectados pela queda do volume de negócios das prestadoras de serviço na indústria petrolífera que, segundo cálculos

oficiais, recuou 50% para os 10 milhões de dólares, no ano passado.

Como consequência, a empresa tomou “várias medidas” de contenção de custos que, além da “insistência” nas melhores práticas de gestão internacional, implicaram a redução da mão-de-obra, apesar das indicações do Centro de Apoio Empresarial (CAE) que sugere a redução de custos com pessoal por cortes salariais e não por via de despedimentos.

O presidente da comissão executiva (CEO) da EWS, Leonardo Teka Nganga, defende a ‘receita’ da adopção das melhores práticas aos restantes operadores do mercado, “como forma de contornar as dificuldades introduzidas pela crise” e garantir “algum equilíbrio”, face ao contexto. “O reajuste nos orçamentos não deve, de maneira alguma, afectar a qualidade do serviço prestado às operadoras”, defende Nganga,

apesar de reconhecer que algumas empresas, “por deficiências de estruturação”, têm mais dificuldades. “Não obstante algumas externalidades negativas, a crise traz para a classe empresarial, de um modo geral, o desafio de uma melhor gestão, por isso quem tomar esse rumo vai certamente conseguir sobreviver”, insiste o CEO da EWS, para quem as empresas nacionais “têm sabido” enfrentar a concorrência das empresas estrangeiras.

Com mais de 250 trabalhadores, a EWS possui vários espaços de apoio às operações de logística, contando um Luanda, na zona do ‘Quilómetro 30’, além de uma área de três mil quadrados em Ambriz, no Bengo. Há quatro anos, iniciou o processo de internacionalização, com presenças nos Estados Unidos, no Reino Unido e no Brasil. Entre os principais clientes da empresa,

encontram-se a Total, a BP, a Sonangol e a Somoil.

A EWS é licenciada desde 2011 pelo CAE, entidade que controla mais de três mil empresas prestadoras de serviços à indústria petrolífera, apesar de ter apenas 300 certificadas. Ao contrário da observação mais optimista do presidente da EWS, pela análise de Lionel Cassoco, membro do CAE, as empresas angolanas, de um modo geral, “estão longe” de cobrir as necessidades da indústria, “tanto no aspecto quantitativo, como no qualitativo”, começando pela falta de tecnologia, que existe apenas em alguns países, “o que exige a importação”. Dados revelados no ano passado pelo CAE indicam que o investimento das empresas de exploração petrolífera na contratação de serviços variam de 100 a 150 milhões de dólares anualmente.

É GEOCIENTISTA? GEO-ENGENHEIRO? ESTÁ EM FORMAÇÃO?

REGISTE-SE EM

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**E FAÇA PARTE DA BOLSA
DE QUADROS DO PAÍS**

O Plano Nacional de Geologia (PLANAGEO) é o maior investimento global jamais feito no nosso país no domínio das geociências, visando a actualização do conhecimento geológico nacional.

QUEM SE DEVE CADASTRAR?

Quadros técnico-profissionais e superiores e estudantes de:

Geologia, Hidrogeologia, Hidrologia, Geofísica, Engenharia Geográfica, Geodesia e Cartografia, Topografia, Geoquímica.

Engenharia de Minas, Laboratório, Matemática, Física, Química, Mineralogia e Petrografia, Sondagem, Geotécnica, Geocronologia e Paleontologia, Ciências Ambientais, Soldadura para a Mineração.

Computação, Gestão Mineira, Gestão Ambiental, Geologia Económica, Economia Mineira, Direito Mineiro.

PREENCHA O FORMULÁRIO DISPONÍVEL NO SITE

<http://quadros.mgm.gov.ao>

**1129 QUADROS
NACIONAIS JÁ SE
CADASTRARAM**

**A COMPETÊNCIA AO SERVIÇO DO PLANAGEO
E DA DIVERSIFICAÇÃO DA ECONOMIA**



Contacto: quadros@mgm.gov.ao | +244 916 532 964

Política de privacidade O Ministério da Geologia e Minas garante que os dados que se registam durante o cadastramento serão utilizados apenas para questões estatísticas do conhecimento dos quadros.

(In)formalizando



Jovens carpinteiros fazem móveis em Luanda

MADEIRA ANGOLANA ENFRENTA A CONCORRÊNCIA DO ESTRANGEIRO

Fabrico de móveis tem crescido e dá lucros

CARPINTARIA. Os marceneiros, sobretudo os que trabalham com móveis, sentem-se uns ‘artesãos’. Mas fazem da profissão um modo de vida bem lucrativo. Todos garantem que, com a madeira angolana, fazem “melhor” do que se constrói no estrangeiro e não temem a concorrência. O maior fornecedor de madeira em Luanda é o mercado do Kikolo, onde uma tábua de quatro metros pode custar 16 mil kwanzas.

Por Amélia Santos

Em todas as marcenarias, é comum serem os clientes a levar já o modelo da peça que querem, geralmente um móvel para casa. É no final do mês que mais recebem encomendas. Sema-

nalmente, estas pequenas marcenarias podem atender três a quatro clientes. Os lucros não são revelados, mas quem trabalha a madeira assegura que vale a pena ser marceneiro e entende que, a cada dia, a profissão tem sido “mais valorizada”.

Foi por isso que João Lourenço, formado em contabilidade, abraçou a profissão por curiosidade. Há quase 20 anos nesta área, hoje com 52 anos de idade, garante conhecer a “melhor madeira para mobílias” e descreve-se como “bom

profissional”. Na sua marcenaria, no bairro Popular, em Luanda, emprega sete pessoas, entre carpinteiros e marceneiros.

Para ele, a mobília importada “não traz concorrência”. Está aliás convencido de que quem compra móveis no estrangeiro pode ter de o fazer duas vezes num único ano, mas quem “procura a nacional pode ficar com ela mais de 30 anos, dependendo dos cuidados”.

As mobílias completas de quarto e de cozinhas e as portas são as mais requisitadas. Mas João Lourenço tem

notado que, com o aparecimento dos armazéns de mobílias, as encomendas de portas e mesas “foram muito reduzidas.”

É ao lado do supermercado Jumbo, na avenida Deolinda Rodrigues, que António Mwabi Nkane, de 42 anos, expõe a sua mercadoria, mas é na Mabor onde a fabrica. Há mais de 15 anos como marceneiro começou a trabalhar no mercado do Kikolo com alguns mais velhos. Actualmente, é dono de uma marcenaria e trabalha com oito homens com idades entre os

32 aos 68 anos. O grupo produz camas, gavetas, cómodas, guarda-fatos, portas, janelas, rodapés, corrimões, entre outros.

O marceneiro garante que o negócio é “lucrativo e de qualidade” e que, apesar da alteração dos preços no mercado, ainda aconselha a que se compre mobílias feitas com madeira nacional, justificando que a importada, quando apanha água, inflama e que é “só bonita por fora”, já “a nacional tem uma garantia de 60 anos, quando bem cuidada”.



OS PRODUTORES de ananás, na Cela, Kwanza-Sul, querem mais incentivos que inclua juros bonificados nos contratos de crédito. Os produtores queixam-se de dificuldades no acesso ao crédito.



DOIS MILHÕES de kwanzas foram disponibilizados, no mês passado, em regime de crédito, aos camponeses da Caála, no Huambo, pela Acção para o Desenvolvimento Rural e Ambiente (ADRA).

Por uma cama de casal, pode-se pagar a partir de 55 mil kwanzas, tamanho 'king' 70 mil, guarda-fatos a 100 mil, solteiro maior a 45, criança 30 e beliche a 55 mil.

Outro funcionário é António José, de 42 anos, que trabalha em marcenaria há 15 anos e não tem dúvidas que "a profissão é rentável" e tem sido "muito valorizada". Tal como o patrão, o 'mestre', não recebe os grandes importadores e põe em causa a qualidade do material vindo de fora, mas reconhece que a importada "é mais bonita".

António José alega que os preços das mobílias estão mais elevados por causa da crise e também por causa da exportação da madeira.

O mercado do Kikolo é o maior fornecedor de madeira nacional, em Luanda. Aqui, uma madeira de 50 cm de largura por quatro metros de altura pode custar 16 mil kwanzas. Com esta peça, o marceneiro pode fazer um par de bancas que vende a 16 mil kwanzas cada. Uma tábua de 66 cm de largura por quatro metros de comprimento custa 14 mil kwanzas e com 45 cm custa 10 mil.

A GERAR EMPREGO

Na marcenaria de Mateus Afonso, de 33 anos, no Prenda, em Luanda, trabalham mais sete jovens. Há mais de 15 anos neste ramo, aprendeu a moldar a madeira com o pai, depois criou o seu próprio espaço. Uma porta de 90 cm por dois metros pode custar até 45 mil, com descontos, já a de 80/2m fica a 35 mil kwanzas. Para as mesas, cadeiras, camas e outros objectos depende muito do feitio que o cliente pede. Sendo o único nas redondezas não tem concorrência, mas garante que é "bom" no que faz.

Já Paulo Augusto, de 27 anos, tem o seu espaço na Calemba, em frente à igreja católica, onde trabalha com mais três jovens. Para chegar a 'mestre' fez um curso de carpintaria, em 2002. Mal terminou, começou a trabalhar no Jumbo, como ajudante prático. Na sua oficina, produzem-se portas, camas, guarda-fatos, mesas, cadeiras entre outros objectos.

Os preços variam de acordo com o modelo e tamanho. Uma mesa de seis cadeiras pode custar até 100 mil kwanzas, por exemplo. Já a porta tem um valor inicial entre os 75 a 80 mil kwanzas. Paulo Augusto aconselha os jovens a fazerem alguma formação profes-

55

Mil kwanzas, preço médio de uma cama de casal em madeira nacional

100

Mil kwanzas, preço de um conjunto de mesas com seis cadeiras

16

Mil kwanzas, preço médio de uma tábua de quatro metros



sional e a criarem pequenas empresas, gerando mais emprego, porque o mercado "está difícil mesmo para quem se formou".

Uma das maiores dificuldades, enfrentada pelos marceneiros e carpinteiros, é a aquisição de materiais. A crise fez subir os preços da madeira, cola, verniz e pregos. Com a nova realidade, também eles tiveram de fazer um ajuste no preço das mobílias, o que faz com que os clientes reduzam as compras.

A madeira, normalmente usada por estes profissionais, é proveniente de Cabinda, Uíge e Zaire. As mais usadas no fabrico de mobílias são a moreira, lifaki e cabinda. Garantem os marceneiros que a moreira é que tem "maior qualidade" e é também a mais procurada.

MOXICO
Receitas fiscais crescem mais de 100%

A VII Região Tributária, que corresponde ao Moxico e Lundas (Norte e Sul) prevê instalar, a partir de Agosto, postos fiscais no Alto Zambeze, Bundas, Cameia e Luchazes para elevar as cobranças fiscais, anunciou o chefe de Repartição Fiscal do Luena.

O valor das arrecadações fiscais do Moxico foi de 23.708 milhões de kwanzas, no primeiro semestre, um aumento de 110% em relação ao igual período do ano passado, revelou o chefe da Repartição Fiscal do Luena, António Cassange.

Numa primeira fase, os postos fiscais "vão funcionar junto das administrações municipais, com um efectivo próprio e capaz de corresponder às exigências".

A iniciativa, segundo o chefe da Repartição Fiscal do Luena, consta da estratégia de alargamento das receitas fiscais, através da instalação de instituições tributárias nos referidos municípios, considerados "estratégicos", com vista, igualmente, a dinamizar o comércio.

O responsável salientou ainda que a Repartição do Luena continua a intensificar a mobilização dos contribuintes para, a partir do segundo semestre deste ano, aumentar as receitas fiscais, "obrigando todos contribuintes a cumprir com o seu dever tributário".



PUB

www.macontransp.com

Seu Destino, nosso Objectivo!

Aluguer, Fretamento & Turismo

A Macon Transportes está presente por toda Angola, excepto Cabinda, transportando pessoas para lazer ou trabalho há mais de 14 anos.

Realizamos os serviços de Aluguer, Fretamento e Turismo, para atender viagens de passeios, negócios e encontros diversos, além de soluções customizadas e adequadas para o transporte de funcionários de empresas entre suas casas e locais de trabalho.

Dispomos de estrutura própria de atendimento e a frota mais nova do país, monitorada via satélite que significa maior segurança e pontualidade durante as viagens.

Fretamento

Urbano

Conforto para todo tipo de Viagem

Turismo

Autocarros Monitorados Via Satélite

A Macon têm as melhores opções para suas necessidades em Transporte, com serviços diferenciados com foco total no Conforto, Segurança e na Qualidade.

comercial@macontransp.com
923 61 61 58 / 226 21 35 04

DE JURE

LEI DE BASES DO SISTEMA DE ENSINO

Só a primária é gratuita

GRATUIDADE. Entre todos os níveis de ensino existentes em Angola, apenas o primário é obrigatório e gratuito. Ou seja, de acordo com a Lei de Bases do Sistema de Ensino, somente neste nível os alunos estão isentos de qualquer pagamento pela inscrição, assistência às aulas e o material escolar.

Por Edno Pimentel

O documento regulador do ensino orienta que o ensino primário seja gratuito não apenas no subsistema de ensino geral, mas também no subsistema de educação de adultos, em que os alunos podem aumentar os conhecimentos gerais mediante a eliminação do analfabetismo juvenil e adulto, literal e funcional.

Nos demais níveis de ensino – secundário e superior –, o pagamento da inscrição, assistência às aulas, o uso do material escolar e o apoio social já constituem encargos para os alunos, que podem recorrer, se reunirem as condições exigidas, a uma bolsa de estudo interna, cuja criação e regime devem ser regulados por diploma próprio. Apesar de os alunos diurnos não pagarem uma propina mensal e regular, à semelhança do que acontece nas escolas particulares e nas instituições do ensino superior privadas, o ensino não é gratuito, pois os estudantes são obrigados a custear as despesas com a inscrição e matrícula, aquisição do material didático, entre outros emolumentos.

Segundo a lei, apesar de a gratuidade



no ensino primário ser regulada, tem havido tentativas de se alterar (ou atropelar) a lei com cobranças esporádicas e não-autorizadas por parte de algumas instituições. O caso mais recente teve lugar em Luanda, onde o Gabinete de Educação preparava um documento que previa a cobrança, em todos os níveis de ensino, do que viria a ser chamado de “comparticipação”. A proposta, no entanto, foi ‘chumbada’ pelo governador de Luanda porque, como defendia Isaac Paxé, docente universitário e especialista em assuntos educacionais, uma medida daquelas podia “ferir completamente o princípio de gratuidade do ensino”.

“NÃO À GRATUIDADE NO ENSINO”

No ensino superior, por exemplo, a não gratuidade é muito mais evidente nos estudantes do período pós-laboral (ensino nocturno), em que os universitários estão sujeitos ao pagamento de uma mensalidade de 15 mil kwanzas. No entanto, há académicos que defendem que a cobrança de propinas no ensino superior deveria estender-se a todos os estudantes e não apenas aos do período pós-laboral. É o caso do reitor da Universidade Privada de Angola (UPRA) que, numa entrevista concedida ao jornal Nova Gazeta, defendia que “todo o estudante universitário

deveria pagar [uma propina]”.

Augusto Caetano João reforçava que “todos devem pagar, quer sejam de instituições públicas quer sejam de privadas”. “Se nos hospitais públicos se paga a consulta, porque não pagar para se ter um bom ensino público?”, questionava.

Segundo o académico, Angola não é um Estado-previdência e exemplificava: “Quem suporta as instituições públicas são impostos que cobram dos privados”. “São os estudantes das instituições privadas que pagam o imposto de rendimento de trabalho que vão para o Estado para suportar as instituições públicas”, recordava,

MEMORIZE

- Segundo a lei, apesar de a gratuidade no ensino primário ser regulada, tem havido tentativas de se alterar (ou atropelar) a lei com cobranças esporádicas e não-autorizadas por parte de algumas instituições.

15

Mil kwanzas, é o valor da mensalidade do ensino público superior no período pós-laboral

Maário Mujetes©ME

acrescentando que noutras paragens, os estudantes das instituições públicas também pagam.

EDUCAÇÃO EM NÍVEIS

O sistema de educação em Angola está estruturado em três níveis, dos quais se destaca o primário, que começa do pré-escolar à sexta classe. Segue-se o secundário, que se subdivide em dois ciclos. O primeiro vai da 7.ª à 9.ª classe. O segundo congrega os subsistemas do ensino geral, técnico-profissional e formação de professores (da 10.ª à 12.ª ou 13.ª classe) e educação de adultos. O último é o ensino superior, cuja duração depende da área de especialização.

100.000

BOAS NOTÍCIAS PARA ANGOLA: CHEGAMOS A TODAS AS PROVÍNCIAS.

Nova *Gazeta*

100 MIL. SEM CUSTO.

www.novagazeta.co.ao



Somos todos nós



SOMOS PELA INFORMAÇÃO ISENTA.

Na TPA estamos todos de acordo: é preciso falar claro para entender a actualidade nacional e formar opinião. Por isso, o programa de análise e debate da TPA tem um novo rosto e formato. Assista ao painel de jornalistas experientes que comentam os principais temas da semana, liderados por **Adalberto Lourenço**.

Todas as sextas-feiras depois do Telejornal, em directo na tpa1.

Reposição às segundas-feiras à 01h.



www.tpa.ao

Gestão

O MAIS RICO DE ÁFRICA E UM DOS MAIS RICOS DO MUNDO

Aliko Dangote: o homem da fortuna de betão

CONSTRUÇÃO CIVIL. Enquanto os empresários nigerianos investiam e pensavam apenas no petróleo, Aliko Dangote apostava nos negócios alternativos: investiu no arroz, açúcar, sal, farinha e sobretudo no cimento. Em poucos anos, acumulou uma fortuna avaliada em 17 mil milhões de dólares, com a ajuda dos amigos políticos. Hoje é o mais rico de África.

Por Emídio Fernando

O homem mais rico de África - de acordo com a avaliação da revista Forbes - confessou recentemente já não se lembrar quando viajou num voo comercial. Ao seu serviço, tem dois aviões e é com eles que se desloca de férias, para receber prémios, para participar em conferências para as quais é convidado ou, mais importante, para controlar os negócios em destinos como China, Índia, Gana, Togo, Benin e África do Sul.

Filho de um negociante de jinguba, que chegou a ser o principal produto das exportações da Nigéria durante décadas, nascido numa família muçulmana, Aliko Dangote aliou os conhecimentos milenares dos islâmicos para os negócios com o que aprendeu na licenciatura de gestão, terminada aos 20 anos, em 1977, na Universidade de Al-Ahzar, no Cairo, do Egito. Nasceu em Kano, uma das principais cidades nigerianas, dominada pelos fulani, um povo que foi nómada, mas sempre com forte tendência para o negócio.

Cedo abraçou o comércio, come-

çando pelo açúcar e cimento, aproveitando um empréstimo de um tio. Na década de 1980, os nigerianos deliravam com o petróleo e o país girava à volta disso. Aliko Dangote não se deslumbrou e preferiu trilhar por outros caminhos, como o comércio de produtos alimentares e materiais de construção civil. Mas foi o cimento que lhe permitiu acumular a fortuna que ostenta hoje: mais de 17 mil milhões de dólares. Foi também o cimento que lhe permitiu, em 2007, ser o primeiro bilionário africano. E foi ainda graças ao cimento que fez amizades políticas, algumas ao mais alto nível, como com o ex-presidente Jonathan Goodluck, que o ajudaram a construir o império. Aliás, recebeu das mãos do antigo líder da Nigéria a mais alta distinção do país: ser membro da Ordem da República Federal. Em todas as eleições, especialmente locais, Dangote nunca deixou de apoiar alguns candidatos.

Essas ligações políticas atravessam fronteiras e passam gerações. Analistas económicos chamam-lhe mesmo o 'método Dangote' que o leva também a ser amigo pessoal dos presidentes da Costa do Marfim, Camarões, Senegal e, claro, da Nigéria. São esses amigos que lhe elogiam a "enorme agilidade intelectual" e a "coragem por correr riscos financeiros". A mais prestigiada revista africana, Jeune Afrique, não hesita em

17

Mil milhões de dólares é quanto está avaliada a fortuna do empresário da Nigéria.

12

Mil pessoas: número de trabalhadores das fábricas de cimento em vários países.

classificá-lo como um 'cowboy' nigeriano, por ser "extremamente rápido, mesmo brutal, a tomar decisões".

Hoje, os negócios estão cimentados no maior grupo industrial da Nigéria que emprega mais de 12 mil pessoas, com a sede localizada na capital, Lagos, onde vive com a mulher e dois filhos. Numa recente entrevista à CNN, garantiu que corre todos os dias, a começar às 6h da manhã, percorrendo 15 quilómetros diários, mas que trabalha 12 horas por dia.

O crescimento vertiginoso da fortuna de Aliko Dangote está bem patente nos números: em 2011, era avaliada em 11 mil milhões de dóla-



res, em 2016, roça os 17 mil milhões. Em seis anos, o empresário nigeriano trepou o 'ranking' da Forbes, chegou mesmo a ultrapassar o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, e só voltou a descer porque também foi 'vítima' da crise do petróleo, com a redução dos projectos na construção civil. Atento, nos últimos anos, dedicou-se aos investimentos na banca, nos seguros, no imobiliário e no vestuário e é apontado como interessado em comprar clubes de futebol ingleses, sobretudo o Arsenal.

Na entrevista à cadeia de televisão norte-americana, Aliko Dangote não esconde o orgulho por estar "a

cumprir com algo grandioso para o país" e confessa-se convencido de que nasceu para ter a missão de "criar empregos". Nessa mesma entrevista, assegura que a Nigéria é "o melhor lugar para investir e um dos melhores lugares para ganhar dinheiro" onde "um investimento tem a garantia de ser o segredo mais bem guardado". Apesar da crise, Dangote prevê abrir mais fábricas na Nigéria e a continuar a apoiar as famílias mais carenciadas que vivem nas imediações da sede do grupo, em Lagos. À CNN, revelou ter intenções de dobrar a capacidade das fábricas de cimento que hoje já são as maiores do mundo.

A tragédia britânica num único acto



Chris Patten

- Chanceler da Universidade de Oxford
- Último governador britânico em Hong Kong
- Ex-Comissário da UE para as Relações Externas

A

quinta-feira (dia 23 de Junho) foi o grande momento para aqueles que fizeram campanha para deixar a União Europeia (UE) e fazer regressar a Grã-Bretanha ao século XIX. Como Cícero escreveu: “Que miserável e infeliz foi aquele dia.”

A decisão de deixar a UE vai dominar a vida nacional britânica na próxima década, se não mais. Pode questionar-se a exacta escala do choque económico - a curto e longo prazo -, mas é difícil imaginar qualquer outra circunstância na qual o Reino Unido não se tornasse mais pobre e menos importante no mundo. Muitos dos que foram encorajados a votar alegadamente pela sua “independência” vão descobrir que, longe de ganhar a liberdade, perderam o emprego. Então, por que é que isso aconteceu? Em primeiro lugar, um referendo reduz uma complexidade a uma simplicidade absurda. O emaranhado de cooperação internacional e soberania, partilhada pela Grã-Bretanha na adesão à EU, foi caluniada numa série de reivindicações mentirosas e de falsas promessas.

Ao povo britânico foi dito que não haveria um preço económico a pagar para sair e sem perdas nos sectores da sociedade que têm beneficiado com a Europa. Aos eleitores, foi prometido um comércio vantajoso com a Europa (sendo que a Grã-Bretanha é o maior mercado), uma redução da imigração e mais dinheiro para o Serviço Nacional de Saúde e para outros bens e serviços públicos. Acima de tudo, a Grã-Bretanha, dizia-se, iria recuperar a sua vitalidade criativa necessária para tomar conta do mundo.

Um dos horrores, que vamos ter pela frente, será a crescente desilusão dos apoiantes do ‘Sair’ quando todas estas mentiras forem expostas. Os eleitores foram informados de que receberiam “o seu país de volta”. Eu não acredito de que vão gostar do que vai acabar por aconte-



tecer. Uma segunda razão para o desastre foi a fragmentação dos dois principais partidos políticos da Grã-Bretanha. Durante anos, o sentimento anti-europeu corroeu a autoridade dos líderes conservadores. Além disso, qualquer noção de disciplina partidária e lealdade desabou, anos atrás, como o número de apoiantes conservadores diminuiu. Pior foi o que aconteceu ao Partido Trabalhista, cujos apoiantes tradicionais ajudaram o ímpeto do ‘Sair’, recolhendo votos em muitas áreas da classe trabalhadora.

Com Brexit, vemos o estilo populista Donald Trump a vir para a Grã-Bretanha. Obviamente, só não há hostilidade generalizada, submerso num tsunami populista contra quem se considera um membro do ‘establishment’.

Militantes do Brexit, como o secretário de Justiça, Michael Gove, acusaram todos os especialistas de fazerem parte de uma conspiração ao serviço dos ricos contra os não-ricos. Nem os conselhos do governador do Banco da Inglaterra, do arcebispo de Canterbury ou do presidente dos Estados Unidos contaram. Todos foram retratados como representantes de um outro mundo, sem relação com a vida do comum dos britânicos.

Há uma terceira razão para o

voto pró-Brexit: a crescente desigualdade social que tem contribuído para uma revolta contra uma elite metropolitana. A ‘velha’ Inglaterra industrial, em cidades como Sunderland e Manchester, votou contra os que vivem melhor, em Londres.

A globalização, explicava-se a estes eleitores, só beneficia os que estão no topo, que têm uma vida confortável em todo o mundo à custa de todos os outros.

Além destas razões, estes argumentos não ajudam quem vigorosamente, durante anos, defende a adesão britânica à UE. Criou-se um vácuo, permitindo a desilusão e a decepção, querendo apagar os benefícios da cooperação europeia e incentivando à visão de que os britânicos se tornaram escravos de Bruxelas. Os eleitores pró-Brexit foram alimentados com uma concepção absurda de soberania, levando-os a escolher uma independência pantomima sobre o interesse nacional. Mas queixumes e chorar pelo leite derramado não vai servir para nada. Em circunstâncias sombrias, as partes interessadas devem honrosamente tentar garantir o que será melhor para o Reino Unido.

Ainda assim, há três desafios imediatos pela mente.

Em primeiro lugar, agora que

David Cameron deixou claro que vai renunciar, a direita do Partido Conservador vai dominar o novo governo. Cameron não tinha escolha. Ele não poderia ter ido para Bruxelas em nome dos colegas para negociar algo que não apoiou. O seu sucessor é o líder do Brexit. A Grã-Bretanha pode olhar para a frente a ser liderada por alguém que passou as últimas dez semanas a espalhar mentiras.

Em segundo lugar, os laços que fazem, de facto, o Reino Unido - especialmente na Escócia e Irlanda do Norte, que votaram para ficar na Europa - vão estar sob grande tensão. Espero que a revolta do Brexit não conduza inevitavelmente à dissolução do Reino Unido, mas esse resultado é certamente uma das possibilidades.

Em terceiro lugar, a Grã-Bretanha terá de começar a negociar a sua saída em breve. É difícil prever como pode, eventualmente, ter um melhor relacionamento com a UE do que tem agora.

Todos os britânicos vão ter muito trabalho para convencerem os seus aliados, em todo o mundo, que não perderam o seu sentido moderado. A campanha do referendo reviveu a política nacionalista, que no final é sempre sobre raça, imigração e conspirações. Uma tarefa que todos nós temos, os do campo pró-Europa, é tentar conter as forças que Brexit desencadeou e afirmar o tipo de valores que, no passado, nos fez ganhar muitos amigos e admiradores em todo o mundo.

Tudo isso começou na década de 1940, com Winston Churchill e a sua visão da Europa. A forma como isto vai acabar pode ser descrita por um dos aforismos mais famosos de Churchill: “O maior problema em cometer um suicídio político é não poder arrepender-se.”

Na verdade, muitos eleitores do ‘Sair’ podem não viver para se arrependerem. Mas os jovens britânicos, que votaram esmagadoramente em permanecer na Europa, quase certamente vão arrepender-se.

Todos os britânicos vão ter muito trabalho para convencerem os seus aliados, em todo o mundo, que não perderam o seu sentido moderado. A campanha do referendo reviveu a política nacionalista, que no final é sempre sobre raça, imigração e conspirações.

Internacional

TRÊS SUICIDAS FAZEM MAIS DE 40 MORTOS E MAIS DE 240 FERIDOS

Atentados também matam turismo na Turquia

TERRORISMO. Mais um atentado, desta vez na Turquia, fez mais 42 mortos e mostrou que os radicais islâmicos não desarmam. Ancara suspeita que tenha havido ajuda de altas entidades islâmicas e o presidente, muçulmano, afirma que matar é “ir directamente para o inferno”. Outra das ‘vítimas’ principais foi o turismo no país.

Por Emídio Fernando

Não demorou a resposta aos atentados no aeroporto de Istambul que mataram 42 pessoas e fizeram mais de 240 feridos. A polícia turca deteve 13 pessoas na cidade turca, incluindo três estrangeiros, depois de ter feito rusgas simultâneas em 16 casas. Fora de Istambul, em Esmirna, outras nove pessoas foram detidas e são suspeitas de colaborarem com o Estado Islâmico. A nacionalidade dos estrangeiros não foi revelada.

Este foi o quinto ataque suicida na Turquia em apenas um ano. No total, morreram cerca de 200 pessoas e houve milhares de feridos, uma boa parte estrangeiros de várias nacionalidades. Logo, o turismo no país ressentiu-se. Este ano, atingiu os mínimos dos últimos 22 anos. O turismo é ‘apenas’ uma das principais fontes de receita: mais de 40 mil milhões de dólares anuais.

Em Maio, o Ministério do



Aeroporto de Istambul, vítima de mais um atentado.

Turismo divulgou dados que apontavam para o maior declínio nas chegadas aos aeroportos em 22 anos, com uma queda de quase 35% no número de estrangeiros, ou seja, mais de 2,5 milhões de visitantes.

Atingir o turismo foi aliás uma das principais motivações de um dos atentados. O grupo Falcões da

40

mil milhões de dólares, receita anual do turismo na Turquia, há mais de um ano.

Liberdade do Curdistão (TAK), uma organização radical próxima do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), avisou os estrangeiros de que “não eram alvo”, mas que a Turquia “não é um país seguro”.

Os ataques afectaram principalmente as atracções turísticas mais emblemáticas. Na semana passada, foi o aeroporto de Istambul. Na mesma cidade, em Janeiro, 12 turistas alemães foram mortos num ataque suicida perto da basílica de Santa Sofia e da Mesquita Azul, ‘ex-libris’ do património cultural e arquitectónico da Turquia.

A 19 de Março, quatro estrangeiros morreram na avenida mais famosa e mais movimentada de Istambul. O último ataque, da semana passada, coincidiu com um feriado na Turquia em pleno verão.

No início da primavera, em Abril, o governo turco chegou a anunciar um plano de ajuda de vários milhões de dólares para apoiar o turismo. As autoridades turcas financiaram a imersão de um Airbus A300 em Kusadasi, um popular ‘resort’, para promover o turismo ligado ao mergulho.

Com o turismo a ‘afundar’, Ancara

não tem qualquer dúvida de que os atentados têm a mão dos radicais islâmicos do Estado Islâmico, apesar de não terem sido reivindicados três dias depois. Nos jornais, a polícia turca foi dando indicação de que sabia que os bombistas partiram da Síria, da cidade Raqqa, um mês antes e que eram todos provenientes dos países que compunham a ex-União Soviética. Raqqa é considerada um bastião do Estado Islâmico. As autoridades garantem ter provas de que os autores do atentado eram membros do grupo.

O presidente Recep Erdogan, ele próprio muçulmano, apressou-se a marcar a diferença, declarando que os “terroristas não são verdadeiros muçulmanos”. “Isto não é islâmico. Tirar a vida de uma pessoa significa ir directamente para o inferno”, reafirmou aos órgãos de comunicação social.

De acordo com a polícia turca, os bombistas suicidas eram naturais da Rússia, Uzbequistão e Quirguistão. Segundo o jornalista Michael Weiss, autor do livro ‘ISIS - Por dentro do estado do terror’, as nacionalidades dos bombistas confirmam as suspeitas, porque há “fortes ligações” entre os ex-países da União Soviética e o Estado Islâmico. Também o director da CIA, John Brennan, encontrou semelhanças entre o último ataque e os que têm sido reivindicados pelo Estado Islâmico.

RDC

Kabila desafiado a deixar presidência

O último governador do antigo Katanga, na República Democrática do Congo, Moisés Katumbi (na foto) exige que o presidente deixe o cargo de forma a “garantir uma transição democrática, pacífica e transparente em rigoroso

cumprimento dos prazos constitucionais”. Curiosamente, foi através do Twitter que Moisés Katumbi desafiou Joseph Kabila, acusando-o de estar a “empurrar o país para uma crise mais profunda”.

Katanga já foi autónoma da RDC, provocou nos anos 1960 uma das maiores crises no país, com uma guerra declarada pela independência liderada por Moisés Tchombé.

Apesar das pretensões de chegar à presidência da RDC, Moisés Katumbi está envolvido num processo judicial, acusado de contratar mercenários e de se ter corrompido num negócio imobiliário. Katumbi nega as acusações e garante que foram fabricadas para o afastar do poder na RDC. Para já, está impedido de viajar e foi-lhe negada a autorização para ir para o estrangeiro em tratamento.





OS EUA, Colômbia e Itália desmantelaram um cartel de tráfico de droga e prenderam 22 pessoas numa operação internacional que resultou na apreensão de 12 toneladas de cocaína.



A POLÍCIA argentina fez buscas numa série de propriedades da ex-presidente Cristina Kirchner e da família. A ex-líder está a ser investigada por alegados crimes de corrupção e fraude na empresa Los Saucos, que é co-detida pelos filhos.

A comissária europeia do comércio mostra-se inflexível com o Reino Unido



SAÍDA DA UE

Pressão sobre o Reino Unido

A comissária europeia do Comércio, Cecilia Malmström, mostrou-se inflexível com a possibilidade de haver negociações com o Reino Unido, em breve. Questionada pela BBC, Cecilia Malmström foi clara: “Primeiro saem, depois negociam”.

Com a saída confirmada da União Europeia, depois do referendo de 23 de Junho, o Reino Unido tornou-se num ‘país terceiro’, de acordo com os estatutos europeus. Vai ficar abrangido pelas regras da Organização Mundial do Comércio (OMC) até

que um novo tratado seja firmado. A comissária europeia lembra que a escolha “foi clara” e que resta ao novo governo britânico apresentar o pedido formal de saída da UE e tentar depois negociar novos tratados, Cecilia Malmström lembrou ainda que as regras da OMC são “mais estritas que as do mercado único europeu”, proibindo a discriminação de alguns países em detrimento de outros nas trocas e, em particular, nas taxas.

Um acordo bilateral entre a UE e o Canadá, que poderia servir de exemplo a um possível tratado com o Reino Unido, levou sete anos a ser negociado e ainda não foi ratificado por todos os Estados-membros da UE.

CONGO-BRAZZAVILLE

Total de fora

A Total, gigante petrolífera francesa, decidiu retirar-se do campo localizado ao largo da costa do Congo-Brazzaville, um dos mais importantes do país. A informação foi dada pela revista Jeune Afrique que garante terem falhado as negociações, que decorriam desde 2015, para a renovação do contrato para os próximos 20 anos.

Com os preços do petróleo à volta dos 50 dólares, a Total não conseguiu encontrar um modelo económico para um projecto que produz cerca de 12.500 barris de petróleo por dia, exigindo um investimento entre os 15 a 20 milhões de dólares por ano.

O grupo francês Perenco e a italiana ENI, ambos já no Congo, são os principais candidatos a explorar o largo da capital do Congo.



Príncipe saudita com medidas excepcionais

ARÁBIA SAUDITA

Medidas drásticas em breve

Arábia Saudita anunciou a criação de um imposto sobre o consumo, a tributação das bebidas energéticas e de bens de luxo, uma reforma dos subsídios estatais, a privatização da petrolífera estatal Saudi Aramco e a criação do maior fundo soberano do mundo. Estas medidas mais drásticas entram num pacote de decisões que foi a primeira forma que o país encontrou para enfrentar a queda de quase 50% no preço do barril do petróleo. No ano passado, a Arábia Saudita, o maior exportador mundial

de petróleo, registou um défice orçamental de quase cem mil milhões de dólares. “Não permitiremos que o nosso país fique mais uma vez à mercê da volatilidade dos preços das matérias-primas”, justificou o líder do país, Mohammed bin Salman, quando apresentou as medidas que devem começar a ser aplicadas já este mês.

Em Abril, a Arábia Saudita acertou um empréstimo junto de bancos internacionais no valor de dez mil milhões de dólares, naquela que foi primeira operação de financiamento internacional de Riade em 25 anos.

A Arábia Saudita é um dos maiores produtores de petróleo.

ÁUSTRIA

Eleições vão ser repetidas

As eleições presidenciais austríacas vão ter de ser repetidas depois do Tribunal Constitucional ter dado razão ao candidato de extrema-direita, Norbert Hofer, que alegou irregularidades na contagem dos votos por

correspondência.

Nas eleições de Maio, os votos por correspondência foram determinantes para a derrota do candidato extremista do Partido da Liberdade, que perdeu para Alexander van der Bellen, apoiado pelo Partido ‘Os Verdes, por escassos 31 mil votos. Na primeira contagem, que ainda não tinha integrado os votos por correspondência, Hofer

surgia vencedor. O candidato anti-imigração fez uma campanha munido de uma arma.

A repetição das presidenciais deverá ocorrer em Setembro ou Outubro. Caso Hofer vença, será o primeiro Estado da União Europeia a ter um presidente de extrema-direita. O presidente Heinz Fischer será substituído temporariamente por três parlamentares.



Candidato de extrema-direita ganha na secretaria

Ambiente

GARANTEM INVESTIGADORES PORTUGUESES

Cortiça minimiza alterações climáticas



Cortiça pode absorver gases

CLIMA A cortiça tem sido experimentada em diversas áreas, com resultados positivos. Agora, investigadores garantem que pode 'salvar' o ambiente.

Usar produtos de cortiça contribui para remover da atmosfera gases com efeito de estufa. A conclusão pertence à Universidade de Aveiro (UA), em Portugal, que coordenou o primeiro estudo a

quantificar a pegada de carbono na cortiça.

A pesquisa concluiu que, por cada tonelada de cortiça produzida, o monte 'capta' mais de 73 toneladas de dióxido de carbono, o equivalente às emissões daquele gás libertadas para percorrer cerca de 450 mil quilómetros de automóvel.

73

Toneladas de dióxido de carbono, quantidade que pode ser absorvida por um monte de cortiça.

Registou-se que a quantidade de dióxido de carbono retirada da atmosfera por um ecossistema de montado (sobreiros, solo e toda a restante vegetação característica dos montados) é, em média, de 177 árvores por hectare. Foi, também, avaliada a quantidade de gases com efeito de estufa emitida pela cortiça em Portugal, desde a floresta até ao destino final dos produtos, incluindo o respectivo processamento industrial. E o saldo, garante a Universidade de Aveiro, "é extremamente positivo" para o meio ambiente. "O sector de cortiça é um sumidouro efectivo de gases com efeito de estufa uma vez que o 'sequestro' de dióxido de carbono da atmosfera é bastante superior às emissões desses gases emitidos ao longo do sector, desde a floresta até ao destino final dos produtos de cortiça", garante Ana Cláudia Dias, investigadora do Departamento de Ambiente e Ordenamento e do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) da UA e coordenadora do trabalho.

A capacidade da própria cortiça em reter o carbono absorvido durante o crescimento do sobreiro permite que constitua um reservatório de carbono ao longo do ciclo de vida, garantindo que, por cada tonelada de cortiça, duas de dióxido de carbono sejam 'sequestradas' da atmosfera.



EM JULHO

Chitas e mabecos vigiados

Com vista à preservação das chitas e cães selvagens (mais conhecidos por 'mabecos'), o Instituto Nacional da Biodiversidade e Áreas de Conservação inicia, este mês, uma campanha de monitoramento e contagem das espécies. O cão selvagem é uma espécie rara. Em alguns países africanos, a espécie já foi dada como extinta. A campanha, com câmaras de vigilância, vai ser implementada nos parques nacionais de Bicular, na Huíla, e da Mupa, no Cunene, por especialistas nacionais e estrangeiros.

Um trabalho idêntico vai ser implementado na zona transfronteiriça do Okavango Zambeze (KAZA), no Kuando-Kubango, onde será feito o levantamento de carnívoros como onças, leões e chitas. Os trabalhos contam ainda com o apoio de organizações internacionais, entre as quais 'Pantera' e o Programa de Conservação de Chitas e Cães Selvagens, do Zimbábue.



EM LUANDA

Jardim Botânico em 2017

A ser construído nas encostas da Boavista e talude do Miramar, em Luanda, o Jardim Botânico começa a nascer no primeiro trimestre do próximo ano, quando se dará início às obras. O projecto, da autoria do arquitecto Ricardo Henriques, deverá estar acabado em Dezembro deste ano e enquadra-se no programa de requalificação do Sambizanga.

A obra pertence à Fundação 'José Eduardo dos Santos' e todo o projecto e os planos foram explicados, a semana passada, ao Presidente da República, quando este fez uma visita ao Sambizanga, em Luanda.

Com mais de 13 hectares, o espaço vai ter 15 jardins temáticos representando a diversidade ecológica das várias regiões do país, espaços de restauração e lazer, esquadra da polícia e parque de estacionamento e uma estufa-fria criada com a intenção de simular as condições climáticas típicas de Cabinda.

Educação & Tecnologia

INVENTOR CANADIANO COM IDEIA 'REVOLUCIONÁRIA'

Um avião de Nova Iorque ao Dubai em 24 minutos



Modelo do avião com apenas 10 lugares

Um inventor canadiano parece ter encontrado uma solução para os voos intermináveis a atravessar o Atlântico ou o Pacífico: um avião capaz de viajar 24 vezes mais depressa do que o som, que levaria, por exemplo, os passageiros de Londres a Nova Iorque em apenas 11 minutos.

O desenho conceptual do engenheiro Charles Bombardier mostra um avião chamado 'Antipode', com quatro asas e capacidade para 10 passageiros, que usaria motores de foguetão para descolar. O jacto privado seria destinado a executivos e líderes mundiais.

O desenho aparelho surge apenas alguns meses após Bombardier ter revelado o seu conceito para um outro avião ultra-rápido, o 'Skreemr'.

Este teria capacidade para 75 passageiros e faria a viagem de Londres a Nova Iorque em meia hora. Mas, já na altura, a Bombardier destacava o principal problema desse projecto: não há abundância de materiais que resistam ao calor que se gera quando se viaja a velocidades várias vezes superiores à do som.

O 'Skreemr' dependia da propulsão por 'scramjet', um tipo de motor que funciona através da combus-

tão de oxigénio líquido extraído da atmosfera quando esta passa através da nave. Por não ter de transportar combustível, um avião assim torna-

11

Minutos: tempo que pode demorar a viagem de Paris a Nova Iorque

-se mais leve e rápido. O problema está na velocidade necessária para fazer um motor destes funcionar, que se tornaria desconfortável para os passageiros e provocaria dificuldades aos materiais devido ao calor.

Charles Bombardier parece ter resolvido pelo menos a segunda parte do problema com o 'Antipode'. Este novo conceito de avião tem a capacidade de usar jactos de ar frio para arrefecer a frente do avião e as asas. Entradas de ar no 'nariz' do avião permitiriam a entrada destes jactos para percorrerem o corpo do avião e o arrefecerem. Mas como o próprio inventor admitiu, em entrevista à revista Forbes, o 'Antipode' também tem os seus problemas. Por exemplo, as entradas de ar no avião funcionam bem em naves como vaivéns espaciais, mas não são muito boas para arrefecer o 'Antipode' porque este tem asas. "A configuração do Antipode não tem a forma ideal nesse aspecto", afirmou Charles Bombardier.

PUB



A DIVERSÃO MORA AQUI

AS MESMAS CARAS TÊM VIDAS TROCADAS, DE SEGUNDA A SEXTA ÀS 15H20.

Não perca a história de dois irmãos separados à nascença que o destino voltou a juntar, numa novela empolgante, cheia de emoções e boa disposição. Um exclusivo DStv no Canal Telemundo, posição 507.

CANAL 507



TELEMUNDO
SINTA A PAIXÃO



Quem é Quem?

Marcas & Estilos

Ligações douradas

O iPhone 6S, em 24 quilates de ouro, foi desenhado com um quadro externo polido na parte superior e uma secção traseira definida em couro de crocodilo púrpuro, cercado com um design artesanal único. O aparelho tem 128 gigas e acesso a todas as redes mundiais.

Pontualidades irresistíveis

A discrição é o que ninguém poderá encontrar neste cosmógrafo prateado e inoxidável da Rolex Daytona, feito com safira sintética, num visor do tipo analógico que lhe confere algum toque exclusivo de antiguidade.

Silhuetas onduladas

Os contornos do vestido vermelho e preto da Mary Katrantzou, de textura ondulada e com decote recortado, faz parte da linha que exhibe a impetuosidade da silhueta feminina.

Classicamente versátil

Os casacos Teddy Bomber da Saint Laurent são dos mais versáteis que o mercado oferece. A singularidade está presente no couro clássico em volta dos ombros e listados com nervuras nos colarinhos, punhos e cintura.

Calçando a natureza

Sophia Webster é a génese dos calçados que a levarão a sentir-se com a leveza de uma autêntica e muito linda borboleta. O preto e branco das sandálias de camurça traduzem a unidade na diversidade.

Tecnologias 'espressas'

Não há melhor forma de trazer o café para o conforto da sua própria casa que não seja com a máquina de espresso GranBaristo da Saeco. Automática, representa a tecnologia inovadora que oferece vários tipos de bebidas, os quais podem ser totalmente personalizadas.



ARTESANATO

Há arte na ilha de Luanda

Todos os primeiros sábados do mês, Luanda cumpre um ritual: há feira de artesanato na Ilha, logo à entrada, com o mar ali bem perto. Desengane-se quem pensar que só vai encontrar os 'clássicos' objectos como máscaras ou cestos ou ainda o pensador em diversas formas e feitios. Também os há, mas é a diversidade e a originalidade que são os principais atributos de uma feira que junta artistas, curiosos da arte, gente

ligada à moda ou apenas à confecção de roupa. E também se encontram familiares de diplomatas que descobriram na arte com as mãos uma forma de fugir à rotina das embaixadas. Encontra-se por aqui desde roupas a quadros, acessórios de moda a móveis, brinquedos a sapatos e até panos das mais variadas proveniências. Não faltam bons argumentos para uma visita a uma feira que já é uma tradição luandense.

Casa... branca

Casablanca é uma das principais cidades de Marrocos, portuária e industrial, cujo nome foi inspirado na primeira casa construída depois do terremoto que destruiu a antiga cidade berbere de Anfa em 1755: era branca e servia de ponto de referência aos viajantes que cruzavam o país e aos navios que se aproximavam da costa. Os árabes traduziram a expressão para 'Dar El Beida', mas os mercadores espanhóis oficializaram o nome e mantiveram a característica básica da arquitectura: as casas são todas brancas. É aqui que mora o fascínio maior da cidade com ruas em labirintos. A cidade também ficou famosa pelo célebre filme de Michael Curtiz, filmado em 1942, que lhe deu uma auréola de romance.

Tal como no mundo árabe, Casablanca é famosa pelos 'souqs', os mercados em que é possível encontrar peças como tapetes, lenços, abayas e produtos tradicionais. No entanto, todos os preços têm de ser discutidos. Os marroquinos fazem da venda um pretexto para a conversa.

Para chegar lá, basta apanhar o avião em Luanda.



“Continua ser a ‘menina dos olhos bonitos’ do Ministério da Juventude e Desportos. É um espaço criado para que sirva de incentivo a mais conquistas e.”

ANTÓNIO MUACHILELA, ADMINISTRADOR DA GALERIA DOS DESPORTOS

“Gerir coisa pública não é fácil”

DESPORTO. Natural de Nhârea, no Bié, António Muachilela, jornalista e director adjunto do gabinete do ministro, é o administrador da Galeria dos Desportos em substituição de Raimundo Ricardo. Inaugurado há dois anos, a galeria, além da expor troféus, serve também para a realização de diversos eventos. Mas o director queixa-se da falta de colaboração dos clubes e até de antigos atletas.

Por Raimundo Ngunza

Como encontrou a ‘casa’?

Encontrei-a arrumada. Este empreendimento tem apenas dois anos, mas precisa de mais troféus, mas isso depende dos nossos atletas e dirigentes desportivos. Continua ser a ‘menina dos olhos bonitos’ do Ministério da Juventude e Desportos, dignifica o desporto nacional e aqueles que tenham aqui expostos as suas conquistas. É um espaço criado para que sirva de incentivo a mais conquistas.

Os clubes estão receptivos a expor os troféus?

Fiz parte da comissão que organizou a exposição, mas infelizmente não tivemos grande receptividade por parte dos clubes. Desde a inauguração, os troféus são os mesmos, apesar de algumas alterações. Das formações desportivas em Angola, quer do tempo colonial, da primeira e segunda divisão, apenas o Progresso do Sambizanga respondeu. A galeria pôs à disposição deste clube uma vitrina com as principais conquistas. Também por ser um dos primeiros clubes fundado pós-independência. Os governos provinciais também foram contactados, mas não houve resposta positiva.

E faltam as taças do Petro e do 1.º de Agosto...

As direcções dos clubes foram contactadas, quer verbal como por documentos, e não tivemos sucessos. É uma pena, mas vamos continuar a insistir. Por parte das federações, temos sido bem-sucedidos e está aqui a maior parte das conquistas das selecções femininas de andebol e masculinas de basquetebol.

E os antigos atletas.....

Estes também foram contactados



Mário Mujetes © VE

PERFIL

Nome completo: António Muachilela

Data de nascimento: 2 de Setembro de 1969

Cargo: Director adjunto do gabinete do ministro, administrador da Galeria dos Desportos e jornalista

75

número de taças de basquetebol e andebol em exposição na galeria.

Lamento que muitos continuem a não colaborar no sentido de fornecer fotos, equipamentos e outros objectos usados durante a carreira desportiva

e lamento que muitos continuem a não colaborar no sentido de fornecer fotos, equipamentos e outros objectos usados durante a carreira desportiva. Realizámos debates pelo país, anúncios em rádios, jornais, televisão, mas estes teimam em continuar fazer comentários desnecessários à

presença de troféus expostos.

Quantos troféus estão expostos na galeria?

Estão expostas 75 taças (andebol e basquetebol), cinco medalhas pertencentes ao José Sayovo, um cinturão do pugilista Tony Kicanga,

um fato de natação da Nádia Cruz, que foi a atleta mais jovem nos Jogos Olímpicos de Seul, Coreia do Sul. Temos ainda os patins usados pelo primeiro atleta angolano a jogar no campeonato da Itália da primeira divisão, um troféu e um DVD de Miguel Lutonda, a mascote do 41.º

Campeonato de Hóquei em Patins, o capacete do Rui Teixeira e a maquete do campo multiusos de Luanda. Aguardamos com muita expectativa um dos troféus do Demarte Pena, o nosso atleta de artes mistas que está na África do Sul.

O acesso é livre?

As visitas não são pagas. Talvez, no futuro, possamos solicitar alguma contribuição para o acesso ao espaço. A galeria dispõe de outros espaços. Temos espaços para arrendar como escritórios, realizar palestras, seminários e os interessados devem procurar os serviços administrativos da galeria.

É fácil gerir a galeria?

Não é fácil gerir uma infraestrutura desta envergadura sem dinheiro para a sua manutenção em todos os sectores, apesar de termos recursos humanos suficientes. Só para ter uma ideia, recebemos uma factura da EPAL com três meses de dívida avaliada em um milhão de kwanzas.

Ser gestor e ler os noticiários das 20 horas, o que é melhor?

Cada coisa tem a sua particularidade. Os noticiários das 20 horas na Rádio Nacional de Angola é algo que já faço há cerca de 30 anos. É uma eterna paixão. Gerir uma coisa pública não é fácil e é uma nova experiência que tento ganhar e acumular.

Quais são as outras áreas que funcionam na galeria?

No rés-do-chão estão exibidos os troféus. Funcionam ainda outros gabinetes do Ministério como o Fundo de Apoio à Juventude e ao Desporto, Instituto Angolano da Juventude, Gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa, Comissão Organizadora dos Jogos e Impelir, Mediação de Seguros.

NÚMEROS DA SEMANA

55

Mil e 127 trabalhadores é o número de funcionários públicos 'fantasmas' que foram identificados, entre Setembro de 2015 e Maio deste ano, anunciou o Ministério das Finanças.

740

Mil é a quantidade de quilates de diamantes que Angola exportou em Maio, aumentando as receitas fiscais face a Abril, de acordo com um relatório do Ministério das Finanças.

7

É o número de bancos que foram sancionados pelo Banco Nacional de Angola (BNA), por incumprimento das regras de informação cambial.

631

Milhões de dólares é o valor que o Estado vai pagar a empresas chinesas, no âmbito do investimento financiado pela Linha de Crédito da China (LCC). A informação consta de 15 despachos presidenciais.

NA REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL DO MPLA

PR exige soluções para divisas

O Presidente da República (PR), José Eduardo dos Santos, exigiu ao Banco Nacional de Angola (BNA) que encontre soluções para resolver as dificuldades dos clientes e empresas no acesso a divisas, reconhecendo que os investidores têm preferido manter os seus recursos fora do país.

Ao discursar na abertura da quarta reunião extraordinária do Comité Central do MPLA, realizada, em Luanda, o líder do partido voltou a lembrar que a forte crise financeira, económica e cambial reduziu as receitas do Estado. "Afirmo, há poucos dias, que o Governo não está a receber receitas da Sonangol desde o princípio do ano, por causa da baixa significativa do preço do petróleo, pois as receitas que são arrecadadas mal chegam para pagar as dívidas contraídas pelo Estado e pela própria



Sonangol", afirmou José Eduardo dos Santos aos militantes do MPLA.

No encontro, salientou que, mesmo com a venda de divisas aos bancos por parte das empresas petrolíferas estrangeiras que operam no país, para obterem moeda nacional

para o agravamento das despesas em Angola, as margens não cobrem as actuais necessidades do país.

Os dados do BNA indicam que, em Maio, os bancos adquiriram divisas no valor de 787,55 milhões de dólares no mercado cambial, representando uma redução de 5,91% face aos montantes concedidos em Abril.

Deste total, 611,61 milhões de dólares foram vendidos directamente pelo banco central - para fins previamente definidos -, enquanto os restantes quase 174 milhões de dólares foram adquiridos pelos bancos aos clientes, sobretudo as petrolíferas estrangeiras que operam no país.

O volume de divisas, adquiridas pelos bancos angolanos, já tinha caído para metade em Março (790 milhões de dólares), face ao mesmo mês de 2015, ano marcado pelos efeitos da crise petrolífera.



Angola desiste do dinheiro do FMI

Angola desistiu do programa de apoio que chegou a solicitar ao Fundo Monetário Internacional (FMI), esclareceu o porta-voz do FMI, Guerry Rice, em conferência de imprensa, em Washington. De acordo com o responsável daquela instituição financeira internacional, o presidente da República informou o FMI sobre a decisão de manter o diálogo com o Fundo apenas no contexto do artigo IV (que compreende somente avaliações) e não no quadro das discussões sobre o Programa de ajuda EFF (Programa de Financiamento Ampliado).

O FMI anunciou a 6 de Abril que Angola solicitou um programa de assistência para os próximos três anos, cujos termos foram debatidos nas reuniões em Washington, prosseguindo em Luanda na primeira quinzena de Junho. No final dessa visita, o chefe da missão do FMI, o economista brasileiro Ricardo Veloso informou estar o FMI à espera de uma decisão do Governo sobre se mantinha o pedido de assistência financeira.

QUATRO MIL EMPRESAS NO SISTEMA DA AGT

Já se pagam impostos online

Pelo menos 4.252 empresas estão já inscritas no sistema automatizado para cobrança de impostos da Administração Geral Tributária (AGT), revelou ao VE, o chefe do departamento de arrecadação de receitas da instituição, Sebastião Joaquim.

Até Junho, as empresas registadas no sistema pagaram as obrigações via internet, sem necessidade de uma deslocação a uma repartição. Por via deste sistema, foram arrecadados 30% do total das receitas não petrolíferas.

Sebastião Joaquim defende que o novo sistema vem dar resposta a situações de enchentes que, às vezes, se verificam nalguns postos de atendimento da AGT, citando, como exem-

plo, situações recentes ocorridas na fronteira do Luvo. No entanto, apela aos agentes económicos a evitarem, sempre que possível, "efectuar pagamentos na última hora".

No quadro das novas acções, está



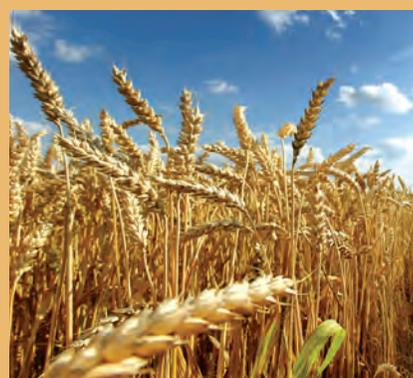
igualmente em fase de implantação "o sistema 'Asycuda', um mecanismo utilizado em mais de 50 países", que dentro de quatro meses, vai ser ensaiado na região aduaneira do Lobito, em Benguela. O sistema permitirá, por exemplo, ao contribuinte com uma senha, ter toda a informação em tempo real sobre a arrecadação de receitas.

A AGT tem à disposição três modalidades para pagamento de impostos, nomeadamente via portal electrónico, onde o utente dos serviços poderá cumprir com as suas obrigações a partir de qualquer parte do país, desde que tenha acesso à internet; via banca comercial ou ainda através das tradicionais repartições fiscais.

O VALOR ESTA SEMANA

EUROBONDS NAS OBRAS PÚBLICAS Apoio a 16 projectos

Angola vai aplicar parte do financiamento resultante da emissão de eurobonds na construção de 16 novos subsistemas de abastecimento de águas, ao abrigo dos programas de investimentos do Ministério da Energia e Águas, revela um documento da Casa Civil da Presidência da República. O programa abrange nove províncias. **pág. 12**



INDÚSTRIA Moageiras sem trigo

Angola continua apostada na montagem de moageiras de trigo, quando, há mais de 10 anos, as principais indústrias do sector como a Kianda, no Kicolo e Kwaba, ambas em Luanda, faliram por incapacidade de importação de matéria-prima. O trigo em grão é ainda hoje importado a 100%. **pág. 14**

SERVIÇOS PERSONALIZADOS Táxis exageram preços

A AADIC, a associação privada de defesa dos consumidores, denuncia a especulação "gritante" de preços praticados pelos táxis personalizados, indicando casos em que o passageiro paga 45 mil kwanzas, por uma volta nos arredores de Luanda. A associação defende uma regulamentação por parte do Ministério dos Transportes. **pág. 13**